UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ATELIÊ DE GRAVURA: TERRITÓRIO ARTÍSTICO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Sarah Ribeiro de Sousa

GOIÂNIA, 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **SARAH RIBEIRO DE SOUSA**

Título do trabalho: **ATELIÊ DE GRAVURA: TERRITÓRIO ARTÍSTICO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Mendonça**, **Professor do Magistério Superior**, em 02/04/2022, às 09:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **SARAH RIBEIRO DE SOUSA**, **Discente**, em 11/04/2022, às 09:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2799878** e o código CRC **9F525E46**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ATELIÊ DE GRAVURA: TERRITÓRIO ARTÍSTICO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Sarah Ribeiro de Sousa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientação: Profª. Adriana Aparecida Mendonça.

Coorientação: Profª. Noeli Batista dos Santos.

GOIÂNIA, 2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sousa, Sarah Ribeiro de
Ateliê de Gravura: Território Artístico de Ensino Aprendizagem [manuscrito] / Sarah Ribeiro de Sousa. - 2022.
lxx, 70 f.

Orientador: Prof. Dr. Adriana Aparecida Mendonça; co-orientador Noeli Batista dos Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2022.
Bibliografia.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Ateliê de Gravura. 2. Transcriação. 3. Ensino de Artes. I. Mendonça, Adriana Aparecida, orient. II. Título.

CDU 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 31 dias do mês de março do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado " **ATELIÊ DE GRAVURA: TERRITÓRIO ARTÍSTICO DE ENSINO APRENDIZAGEM**", de autoria de **SARAH RIBEIRO DE SOUSA**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Dra. Adriana Aparecida Mendonça - orientadora FAV/UFG com a participação da Dra Noeli Batista dos Santos - coorientadora FAV/UFG e dos demais membros da Banca Examinadora: Dr. Elinaldo da Silva Meira FAV/UFG e Juan Sebastián Ospina Álvarez UNIVERSIDADE EAN/COLÔMBIA. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado **APROVADA**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **JUAN SEBASTIÁN OSPINA ÁLVAREZ**, **Usuário Externo**, em 31/03/2022, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Mendonça**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2022, às 07:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2022, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2792110** e o código CRC **2F3EE5B2**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a execução e finalização desta monografia às minhas queridas professoras Adriana Mendonça e Noeli Batista, por toda a paciência, carinho e companheirismo presentes neste processo.

“A gravura é uma postura mental antes de ser uma técnica, ela é uma linguagem, um pensamento, o pensamento gráfico. É único. E ele se realiza em qualquer material.” (BONOMI)

RESUMO

Este estudo aborda a necessidade da experimentação da gravura em ambientes de ensino de artes, bem como as diversificadas formas, adaptações e possibilidades oriundas da “transcriação” do ateliê de gravura em diferentes espaços. Para tanto, foi utilizado como base para as deflagrações, o acompanhamento de uma turma de gravura da faculdade de artes visuais, em 2020, durante o ensino remoto. Assim, foram analisadas etapas e vivências que contribuíram com o processo e suas deflagrações. A pesquisa mostra de que forma pode se levar a experiência da gravura e seus desdobramentos para além do ateliê tradicional. Colocando em ênfase a adaptação da materialidade e técnica, focando na experimentação prática.

Palavras-Chave: Ateliê de gravura; Transcriação; Ensino de artes.

ABSTRACT

This study aimed to address the need for experimentation of the engraving studio in arts teaching environments, as well as the diverse forms, adaptations and possibilities arising from the transcreation of the engraving studio in different spaces. For this purpose, a case study conducted through the follow-up of an engraving class at the School of Visual Arts, in 2020, during remote education, was used as a method. Thus, data and lived processes that contributed to the process and its triggers were analyzed. The research shows how one can take the experience of engraving and its developments beyond the traditional workshop. Emphasizing the adaptation of materiality and technique, focusing on practical experimentation.

Key words: Engraving workshop; Transcreation; Arts teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS

EaD Ensino a Distância

ERE Ensino Remoto

FAV Faculdade de Artes Visuais

IFG Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás

PIBID Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

RP Programa Residência Pedagógica

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UFG Universidade Federal de Goiás

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019……..19

Figura 2. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.……20

Figura 3. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.……....21

Figura 4. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.……22

Figura 5. Frame capturado do vídeo “Impressão da xilogravura”, por Helder Amorim Silva Borges de Deus……...26

Figura 6. Frame capturado do vídeo “Impressão da xilogravura”, por Helder Amorim Silva Borges de Deus.……..……27

Figura 7. Frame capturado do vídeo “Carimbo de borracha”, por Helder Amorim Silva Borges de Deus.……27

Figura 8. Frame capturado do vídeo “Carimbo de borracha”, por Helder Amorim Silva Borges de Deus.……..……...28

Figura 9. Carlos Henrique. 4° período bacharel em artes visuais. Matriz em caixa leite impressa sobre papel,tinta óleo; gravura em côncavo. E-zine Côncavos, 2021, p.34……..41

Figura 10. Nícolas Montefusco. 4° período bacharel em artes visuais. Matriz em caixa leite impressa sobre papel,tinta óleo; gravura em côncavo. E-zine Côncavos, 2021, p.10.……....42

Figura 11. Daniel Oliveira. 4° período bacharel em artes visuais. Matriz em caixa leite e impressões; gravura em côncavo.Matriz em caixa leite impressa sobre papel,tinta óleo;gravura em côncavo. E-zine Côncavos, 2021, p.38……..43

Figura 12. Anotações do caderno de gravador do aluno Nícolas Alves Montefusco. 4° período bacharel em artes visuais. Disponível em: E-zine Caderno de Gravador. 2021, p. 73……....44

Figura 13. Anotações do caderno de gravador da aluna Giulianna Vitória Augusta Ramos. 4° período bacharel em artes visuais. Disponível em: E-zine Caderno de Gravador. 2021, p.49…….45

Figura 14. Frame capturado do vídeo “Carimbo de borracha”, por Helder Amorim Silva Borges de Deus…….…….55

Figura 15. Gravação em bolachas de argila, realizada pelo 6° ano “A” e “B” do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe……...56

Figura 16. Frame capturado do vídeo “Isogravura- gravura com isopor”, por Vitória Medeiros..……57

Figura 17. Atividade Arte Ambiental. UNIVASF Campus Juazeiro. Juazeiro-BA. 03/10/2019……...…...59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO 1- CARTOGRAFIA DA GRAVURA NO ENSINO DE ARTES 13

1.1 Ateliê de gravura como espaço de transcriação 25

CAPÍTULO 2- MONITORIA EM GRAVURA E OBSERVAÇÕES A PARTIR DO ENSINO REMOTO 29

2.1 Processos Estudantis 33

2.1.1 Trabalhos Desenvolvidos e Seus Aprendizados 35

2.2 E-zine 41

CAPÍTULO 3 - MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO NO ATELIÊ TRANSCRIADO E POSSIBILIDADES 44

3.1 Manual da Gravura Acessível 47

REFERÊNCIAS 56

INTRODUÇÃO

Das minhas descobertas dentro do curso de Licenciatura em Artes Visuais, a paixão pela gravura se mostrou mais ardente a cada contato obtido. Tive meu primeiro acesso a tal modalidade técnica durante o ano de 2019 e desde então nunca mais parei de trabalhar e evoluir na mesma. Em minha trajetória enquanto discente a gravura teve papel fundamental em vários sentidos em minha vida, tanto particulares atrelado ao campo artístico e projetos pessoais, quanto impessoal agregando valores e pesquisa ao meu campo docente em construção.

No decorrer da minha graduação, tive a oportunidade de experienciar diversos espaços pedagógicos a partir da participação de programas institucionais e estágios, que trouxeram até mim diversos questionamentos a respeito da gravura atrelada ao ensino de artes, e principalmente da sua falta. Sendo assim, à medida que me deparei com a realidade da ausência da gravura no processo escolar, me dediquei a procurar métodos de como reverter ou amenizar tal situação. Visto que a maior problemática envolvida nesse dilema era carência do espaço físico ideal para realização das atividades práticas, ou seja, um ateliê tradicional de gravura.

Através de uma vivência tida em 2020, durante uma monitoria em “Gravura: Processos em Côncavo” pude viver de fato o real sentido da transcriação, partindo da conceitualização de Haroldo de Campos, atrelada a adaptação em relação a ausência do espaço físico. Pois a mesma ocorreu em um momento de enfrentamento mundial ao vírus Covid-19 e consequentemente ao isolamento social oriundo da pandemia gerada. Sem acesso ao ateliê de gravura e a seus materiais específicos, como prensas, tinta gráfica, rolos de borracha, ácidos e goivas, tanto corpo docente quanto corpo estudantil, precisou se reinventar para prosseguir as atividades semestrais sem nenhum tipo de falta ou perca em relação a falta da espacialidade.

Para isso, os estudantes usaram diversos modos e materiais disponíveis em suas casas para chegar a um resultado experimental prático; tiveram êxito nesse sentido, pois os trabalhos desenvolvidos geraram diversas ramificações, inclusive a elaboração de dois e-zines que mostram tais processos detalhadamente. Constatando assim, que mesmo diante do pior dos cenários, ainda que de forma

improvisada, adaptada ou relativa, a arte permanece criando raízes de resistência e se permitindo surgir a partir de diversificadas formas, onde só conseguimos ter tais percepções diante à necessidade, e justamente a partir dela criamos modos de submergi-la.

Para além das experiências vividas em campo, a pesquisa bibliográfica se deu de modo singelo perante as minhas expectativas, pois ansiava por encontrar mais pesquisas no campo da gravura alternativa. A dificuldade em achar referências básicas só aumentou à medida que resolvi trabalhar gravuras acessíveis dentro do espaço escolar, tendo alcançado poucos artigos a respeito, apesar da incansável procura. O principal autor em que respaldou o presente trabalho foi Itajahy Martins (2000), com sua longa pesquisa a respeito da gravura atrelada às suas experiências no magistério em artes na obra "Gravura: arte e técnica", sempre dialogando de forma incisiva a respeito da importância da gravura em ambientes escolares e na formação dos estudantes.

Conversando diretamente com GONDO *et al* (2014), onde de forma poética e objetiva, conseguem estabelecer a importância das vivências e tidas dentro do ateliê e como as mesmas acontecem, podendo assim dar margem para entrar a minha concepção e diálogo a respeito do que faz de fato o ateliê de gravura ser tão único e especial além de sua espacialidade. Tendo em vista, da interação do atual contexto em que o trabalho foi elaborado, juntamente a Coqueiro e Sousa (2021) que que conseguem expor o cenário de forma magnífica a respeito da educação à distância e seus ensinamentos, com a obra "A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19". Uso em ênfase a pesquisa a campo de Mello, Silva e Silva que trabalham na obra "Gravura na Escola: uma Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental", a ação de levar estudantes de ciclo fundamental para dentro do ambiente acadêmico de um laboratório de gravura.

E por fim, usei como bibliografia referencial para arremate da pesquisa, o trabalho de conclusão de curso de Débora Fagundes (2019) com o tema "Experimentações em Gravura para o Ensino de Artes : Matriz de E.V.A", que foi de suma importância para diálogo direto com todo o contexto que envolve o direcionamento da minha tese.

Sendo assim, o trabalho foi dividido em três capítulos, onde no capítulo 1 busquei traçar um breve relato a respeito de minha trajetória desde o ensino regular até aluna de graduação e experiências enquanto docente. E a partir das mesmas, crio o foco em momentos que me vi pertencente à gravura e que principalmente idealizei levá-la aos meus possíveis campos de ação. Onde à medida em que vivi diferentes etapas experimentais perante a visão docente, pude notar as diversificadas maneiras de por meio da transcriação do ateliê de gravura, criar diversas possibilidades educacionais e artísticas.

Já no capítulo 2, busquei detalhar ao máximo o período de 2020/2, onde acompanhei a turma do quarto período de bacharelado em artes visuais na disciplina de gravura: processos em côncavo. Na qual foi possível ter uma real vivência em relação à transcriação de um ateliê de gravura e seus excelentes resultados. Neste capítulo, busco aprofundar não somente na disciplina em si, mas sim no tocante dos alunos participantes e em seus desenvolvimentos, contando com o projeto final de todo esse semestre, a elaboração e publicação de dois E-zines oriundos das atividades elaboradas pelos mesmos.

Finalizando com o capítulo 3, onde através da proposta de um manual de gravura acessível busco, perante a possibilidade, de levar a gravura às salas de aula de forma simples e eficiente. Complementando assim todas as questões discutidas anteriormente e gerando uma possível solução ao que tange à falta de prática da gravura no âmbito escolar pautada na ausência física de um ateliê habitual e sua materialidade.

Neste trabalho, busquei trazer toda a potencialidade de uma longa pesquisa sobre gravura e ensino de artes, contando com a desmistificação do mito do ateliê de gravura enquanto território estático, atrelada a uma proposta acessível a partir da transcriação do ateliê de gravura em ambientes de ensino aprendizagem voltados para a arte, idealizada para facilitar a sua inserção e uso de modo coerente e positivo ao docente de artes e aos estudante.

CAPÍTULO 1- CARTOGRAFIA DA GRAVURA NO ENSINO DE ARTES

Em um panorama geral a respeito da minha vida acadêmica enquanto discente em licenciatura em artes visuais, o caminho sempre foi repleto de novos horizontes e experimentações. E mesmo me vendo ter passado por tantos lugares, com tantas questões e visões diferentes, me percebi “mergulhada” na gravura, desde o princípio, e agora através deste trabalho consigo ter a convicta certeza da direção certa.

Para traçar esse percurso, de modo a dar sentido ao atual período onde me encontro, começo dissertando a partir da minha trajetória escolar, na qual sempre pensei ter sido a melhor e mais completa no que se refere a artes e processos envolventes, pois foi diante dela que me senti pertencente ao campo das artes e fui incentivada a pensar a respeito da licenciatura.

Todo o meu período no ensino formal, desde os anos primários até o ensino médio, se deu no Colégio Santa Clara[1]. Ali tive meus primeiros contatos diretos com a prática artística em si e seus conceitos. O colégio sempre foi extremamente incentivador, de levar arte aos alunos e ter seus trabalhos valorizados de vários modos, como festivais de dança, apresentações de teatro, mostras culturais e datas comemorativas. Além de sempre destacarem a importância das artes dentro dos espaços e eventuais projetos existentes, fazendo uma correlação interdisciplinar.

Apesar da disciplina de artes ser extremamente desvalorizada na maior parte dos ambientes escolares, como afirma Larrosa (2003), sendo muitas vezes colocada como lazer ou mesmo uma espécie de "passatempo" , diferente das outras disciplinas, eu tive o prazer de poder vivenciar em toda a sua importância e singularidade no ensino de artes de forma excepcional.

O ambiente e toda a sua estrutura enfatizam a necessidade do colégio em garantir que naquele espaço a presença visual e prática da arte é de fato incorporada e essencial. Muros internos pintados por artistas, sala específica de

[1] Localizado em Goiânia, no bairro de Campinas, rua José Hermano, nº 920. Completa seus 101 anos no ano de 2022. Foi trazido a Campininha das Flores em 1921, por um grupo de freiras alemãs e atualmente se encontra como a instituição de ensino formal católica e particular mais antiga de Goiânia.

artes, aulas semanais de música e teatro, sala própria para filmes, auditório e eventos para exposições feitas por alunos, são apenas alguns exemplos de como o corpo escolar busca manter e garantir tais vivências aos estudantes.

Além das técnicas com os estudantes, como a escultura, sempre tínhamos acesso à argila. Ou mesmo a pintura que sempre éramos incentivados a fazer em telas, papel, tecido e sempre voltado à exposição. Sem esquecer da grande ênfase no desenho. Era o mais trabalhado dentro e fora da sala de aula, bem como na parte interdisciplinar e até mesmo em eventos como jogos internos, onde o desenho mais votado era a estampa das camisetas de time.

Sendo assim, após anos nesse contexto, pude ter a certeza de que meu caminho era de fato voltado para as artes visuais. No ano de 2018, tive acesso, como aluna, ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). As vivências dentro da faculdade foram totalmente distintas do que eu esperava, principalmente pela minha breve noção de arte oriunda apenas da experiência escolar.

No sentido mais poético, atrelado às diversas áreas das artes visuais presentes dentro do curso, todas foram intensas e repletas de aprendizagem. Principalmente em relação ao autoconhecimento enquanto artista e a minha identificação com as mesmas. Dentro dessa perspectiva, notei durante a graduação minha afinidade extrema com a gravura e o período que pude experienciar a mesma enquanto matéria.

Em 2019, mais precisamente no terceiro período, cursei algumas matérias práticas, incluindo a disciplina de gravura. Apesar de serem cursadas simultaneamente, a gravura foi a que mais prendeu a minha atenção e mais teve retorno em vários aspectos pessoais. Um deles foi achar uma técnica na qual me senti totalmente imersa e ansiosa para descobrir cada vez mais sobre, gerando uma grande sede de aprendizagem a respeito. Não somente no âmbito do curso em si, que me limitava respectivamente, visto que a matéria ofertada tinha um determinado limite em relação às variedades da gravura.

A partir do momento que constatei ter uma conexão maior com a gravura, busquei colocá-la no meu cotidiano de diversas formas, principalmente em relação à docência. No momento, eu estava atuando como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)[2], em um colégio militar de Goiânia, onde executava a função de pesquisadora/estagiária. Portanto, naquele espaço eu atuava como docente (com supervisão da professora efetiva) em certos momentos, tendo total liberdade para planejar e executar as aulas correspondentes às minhas ações.

Porém, ao haver uma idealização de levar a gravura de alguma forma para as ações em sala de aula, era sempre questionada sobre onde, como, de que forma fazer, a partir de quais materiais, seguindo a justificativa de não haver um espaço físico ideal para isso, ou seja, um ateliê tradicional de gravura. Apesar de insistir nas formas alternativas, ainda era forte a questão da materialidade espaço a serem pensados sobre.

Logo, não foi possível trabalhar o fazer dentro das contingências ali presentes. A minha ânsia por levar a experimentação da gravura para meus estudantes partiu, principalmente, após refletir e entender como a minha visão sobre as artes visuais poderia ter sido diferente à medida que eu tivesse conhecimento da gravura antes de estar em uma graduação. Pois “[...] baseando-se na experiência adquirida, o homem interpreta o que captou no mundo exterior, registrando, assim, uma espécie de conhecimento reavaliado sobre o presente.” (SANS, 2005, p. 44).

Pude concluir que em meu período escolar não tive contato algum com a gravura, ou mesmo com alguma de suas técnicas de modo teórico. E mesmo vindo de uma instituição de ensino particular com grandes condições de agregar a gravura às práticas artísticas ensinadas (afinal ela faz parte do campo das artes visuais bem como qualquer outra área técnica), não tive acesso e muito menos uma prática convicta. Acredito que, assim como no colégio militar, por questões da falta de materiais específicos e de um ateliê voltado para a gravura e, principalmente, em

[2] O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. *fonte:PIBID - Ministério da Educação (mec.gov.br)*

relação a segurança e saúde dos estudantes, pois , alguns procedimentos exigem o manuseio de objetos cortantes e pontiagudos e até mesmo tóxicos.

Sendo assim, buscava por outros caminhos levar a gravura ao alcance do público escolar, como em eventos fornecidos pela universidade. O que mais me marca a memória aconteceu no segundo semestre de 2019, chamado Espaço das Profissões Itinerante[3], onde eu e meu grupo do PIBID fomos para o bairro Jardim Curitiba I. A intenção primordial era que cada faculdade participante levasse um pouco sobre o que é desenvolvido dentro dos cursos ofertados, teórico e praticamente.

Então, desenvolvemos uma série de atividades interativas no *stand* destinado a artes visuais e suas possibilidades dentro da área. Dentre elas, a principal era a gravura e suas técnicas, trabalhamos o estêncil e carimbos de borracha em relevo com o público, além da exposição das impressões feitas por alunos da FAV, e também de alguns materiais específicos como rolo de borracha, goivas e papéis.

[3] “A proposta é que as diversas áreas da UFG se reúnam nos espaços públicos para apresentar, à população daquela região, informações sobre a Universidade, como as formas de ingresso, permanência e divulgação sobre os cursos.O objetivo do evento é propiciar a esses jovens a oportunidade de conhecer a Universidade e os cursos e habilitações oferecidos gratuitamente.” *fonte:*Espaço das Profissões Itinerante na Praça da Feira do Jardim Curitiba I | UFG - Universidade Federal de Goiás

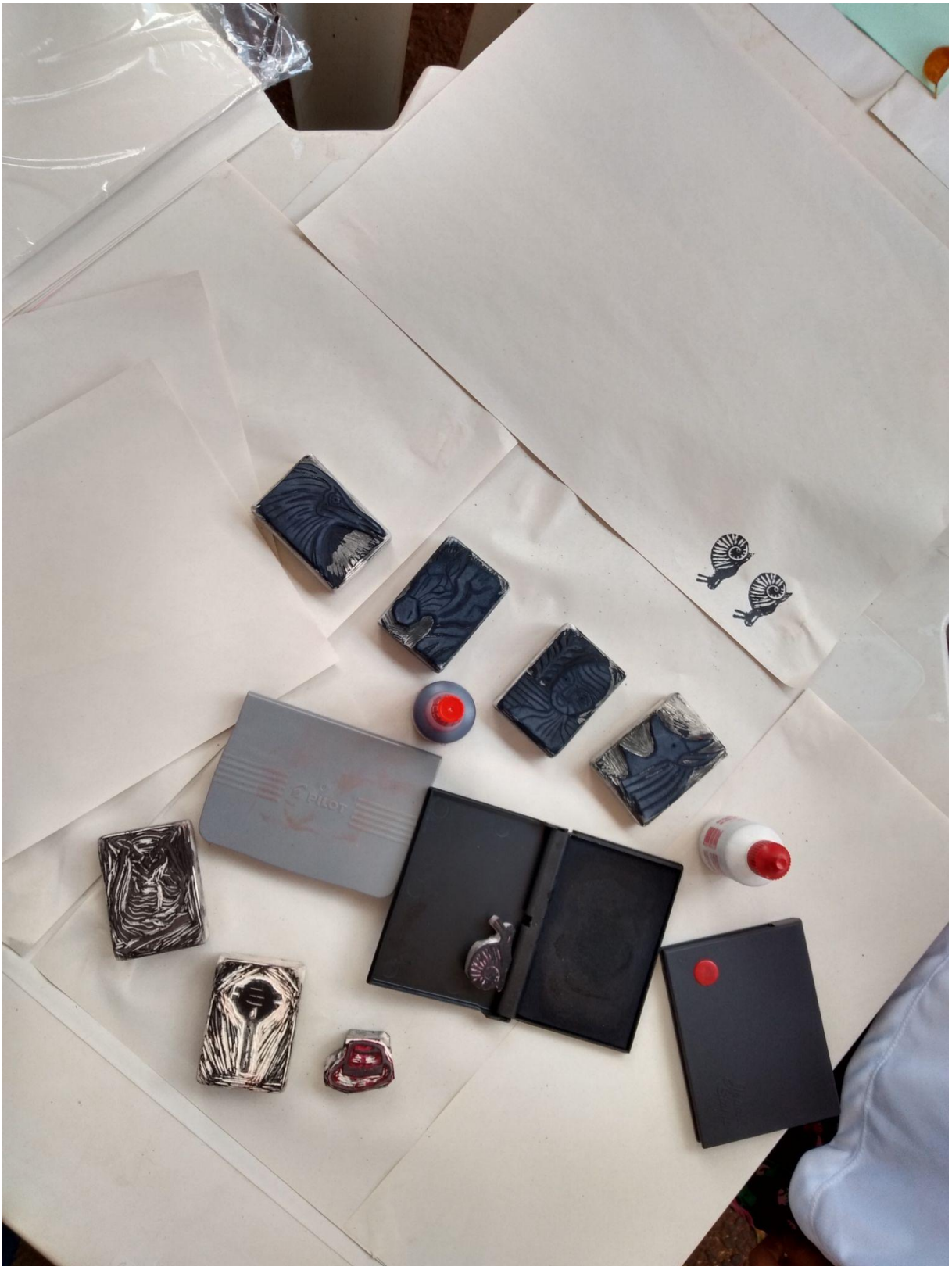

Figura 1. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.

Figura 2. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.

Figura 3. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.

Figura 4. Stand Faculdade de Artes Visuais. Projeto UFG Espaço das Profissões Itinerante, 2019.

O público ali presente era de maioria estudantes das escolas pertencentes ao bairro e proximidades, com faixa etária de 10 a 16 anos. O nosso espaço era sempre o mais atrativo e movimentado por esses estudantes, onde percebi, a partir de suas dúvidas e comentários, que ali estava sendo o primeiro contato deles com a gravura. Surpresa, curiosidade, brincadeiras, piadas e impressões de carimbo pelo corpo, foram alguns dos comportamentos que os alunos tinham ao ter a liberdade de provar aquela prática e entender como a mesma funcionava.

Doravante, a aquele momento tão rico para ambas as partes, percebi que, de fato, devia continuar investindo ao máximo em levar a gravura para dentro das escolas de forma prática e relevante. Constatei, a partir de todas as questões relatadas, tanto pessoais quanto a partir de observação do outro, como a falta do contato com a gravura faz total diferença para os estudantes. Principalmente no que

tange a conseguir aprender e almejar novas perspectivas e ideias no campo da arte, surgindo assim mais interesse e anseio por tal caminho.

No decorrer da graduação, segui com a mesma iniciativa dentro de outros programas, como Residência Pedagógica (RP), já em 2021, as mesmas questões eram discutidas, porém, agora em contexto de pandemia. Portanto, eram apenas planejamentos, dada a razão das aulas presenciais estarem suspensas. Desenvolvemos um projeto para trabalhar a gravura na educação infantil caso as aulas presenciais na UFG fossem retomadas, porém, não foi possível.

Tal evento me deu margem para pesquisar mais a respeito da gravura no ensino de artes e como a mesma era desenvolvida, pesquisada e discutida. Pois, de acordo com a minhas observações enquanto aluna e estagiária, não identifiquei a presença da gravura como parte obrigatória da educação artística nas turmas que acompanhei, visto que já tinha a bagagem correspondente a dois programas de aperfeiçoamento docente (PIBID e RP) e já havia feito mais de dois estágios obrigatórios em diferentes instituições.

Na maior parte das escolas nas quais estive presente, os professores de artes não trabalhavam a gravura em seus conteúdos e planejamentos, salvo as raras vezes que encontrava alguma atividade que envolvia gravura, mas que se limitava somente ao teórico dos livros didáticos. Nunca houve uma experimentação ou mesmo prática livre. Até mesmo se tratando dos institutos específicos em arte, notei, após uma breve análise dos cursos e oficinas ofertadas, que a gravura era extremamente escassa e quando havia alguma disciplina ofertando gravura ela era a única em todo o semestre. Destoando totalmente das outras linguagens artísticas como desenho, pintura e escultura, que têm cerca de duas a quatro oficinas disponíveis no mesmo período de tempo.

Após algum tempo pesquisando mais a fundo sobre a falta da gravura nas escolas, tive acesso ao artigo *“Gravura na Escola: uma Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental”*, escrito em 2017 pela professora Cláudia Carnevskis de Mello[4]

[4] Professora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (Campus de Parintins). Atualmente cursa o Programa de doutorado da Universidade do Estado de Santa Catarina.

, e seus estudantes Thaís Souza da Silva[5], Ewerson Nascimento da Silva[6]. Por meio do qual notei que outras pessoas também desenvolviam pesquisas dentro do mesmo assunto e buscavam por maneiras de melhorar tal situação. Segundo Mello, Silva e Silva

> [...] o projeto Gravura na escola teve como objetivo geral apresentar aos alunos o estudo dos conceitos e desenvolvimentos da gravura por meio da prática e aprendizagem das técnicas de xilogravura, gravura em metal e serigrafia, em oficinais que utilizaram materiais convencionais e alternativos para as produções artísticas. A utilização do espaço universitário para a finalização das atividades foi um dos destaques da atividade, aproximando as crianças da vivência universitária e possibilitando a prática artística em um ambiente adequado por meio do laboratório de gravura. (MELLO;SILVA; SILVA, 2017, p. 2062,-2063).

A ação de levar os estudantes para dentro do ateliê convencional e ali ser praticada a teoria antes trabalhada em sala de aula, agrega um enorme valor a vivência desenvolvida por esses alunos. Visto que, anteriormente, o grupo de pesquisadores fez uma introdução à história da gravura e seus artistas, as crianças estavam preparadas e inseridas nesse universo. Fazendo, assim, com que o momento fosse cada vez mais rico e carregado de sentidos.

Sobretudo, a proposta de levar estudantes do ensino fundamental a um local acadêmico parece tão inovadora e distante da realidade escolar que causa um determinado espanto à primeira vista. Entretanto, além da importância experimental, esses estudantes puderam conhecer o espaço da Universidade Federal e entender sobre ele como sujeitos pertencentes à comunidade, logo ao ambiente como um todo.

> É importante que seja destacada a interação entre a universidade e escola proposta pelas atividades desenvolvidas em uma aproximação e compartilhamento entre os espaços que, muitas vezes, ficam restritos à comunidade acadêmica. (MELLO; SILVA; SILVA. 2017, p. 2070).

Desenvolvendo, assim, a compreensão, principalmente no que se refere ao recinto como público e de livre acesso e uso dos mesmos, logo expande a consciência para a apropriação daquele local bem como é feito dentro da escola, como lugar público acessível a todos e voltado à educação. Tais conceitos se tornam

---

[5] Estudante do 9º período do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (Campus de Parintins), bolsista PIBID.

[6] Estudante do 9º período do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (Campus de Parintins), bolsista PIBID.

extremamente importantes em momento de saída da rotina do espaço escolar, pois os discentes precisam entender e agregar sentido ao novo espaço. De forma que, conhecê-lo e entender seu funcionamento, expande a noção de conforto e coerência com o estudado em sala, trazendo sentido ao momento, pois assim conseguem captar melhor a finalidade ali presente. Ressaltando que experiências como essas são essenciais para os docentes (principalmente em formação) bem como para os estudantes.

Apesar da execução bem feita e bem sucedida para ambos os lados, ainda sim não me preenche por completo em relação aos meus questionamentos sobre o tema. Sempre me volta a questão dialética de precisar levar os estudantes até determinado espaço (laboratório ou ateliê convencional) para que possa ser proporcionado de fato o contato com a gravura. Continuamente me questiono a respeito da dificuldade de deslocamento, espaço no cronograma escolar, questões organizacionais…que, ao fim, são colocadas como mais uma responsabilidade extra para o professor lidar. Uma série de dificuldades que envolvem a locomoção de uma ou várias turmas e em que medida isso seria cabível ao contexto rotineiro escolar.

Dessa forma, continuei a buscar, refletir e pesquisar sobre maneiras de inserir a gravura no âmbito colegial sem que haja maiores frustrações para os envolvidos, principalmente de locomoção. Bem como pensando também na questão da materialidade que tange à saúde dos estudantes, que é algo crucial quando pensamos em trabalhar com a gravura. Os materiais tradicionais da técnica, envolvem objetos cortantes e pontiagudos[7], materiais de composição tóxica[8], e até mesmo objetos que causem risco à integridade física como as prensas. Isso posto, iniciei uma busca por repertórios nos quais a materialidade ultrapassasse a necessidade de um ateliê habitual e pudesse, ainda assim, entregar aos estudantes a prática a altura.

[7] Goivas e ponta seca, que diante ao uso indevido ou falta de atenção podem ocasionar acidentes graves.
[8] Ácidos usados na técnica de gravura em metal por água forte, ou mesmo materiais de limpeza como tiner e água raz.

O objeto inicial dessa pesquisa me ocorreu na memória das minhas aulas de gravura, em 2019, com o professor Helder Amorim[9], nas quais o mesmo apresentou vários vídeos autorais em uma plataforma on-line que trabalhava justamente para formas alternativas ao ateliê. Tais vídeos foram feitos com o intuito de auxiliar as turmas de Artes Visuais na modalidade EaD, de forma a facilitar o processo desses discentes da gravação a impressão de suas xilogravuras, e também com dicas de manuseio, ferramentas e outras questões.

Figura 5. Frame capturado do vídeo “Impressão da xilogravura”, por Helder Amorim.[10]

[9] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, mestre em Arte e Cultura Visual (2016) e Graduado em Artes Visuais - Licenciatura (2012), ambos pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás - UFG.

[10] Disponível em: Impressão da xilogravura. - YouTube

Figura 6. Frame capturado do vídeo “Impressão da xilogravura”, por Helder Amorim.[11]

Figura 7. Frame capturado do vídeo “Carimbo de borracha”, por Helder Amorim.[12]

[11] Disponível em: Impressão da xilogravura. - YouTube
[12] Disponível em: Carimbo de borracha - YouTube

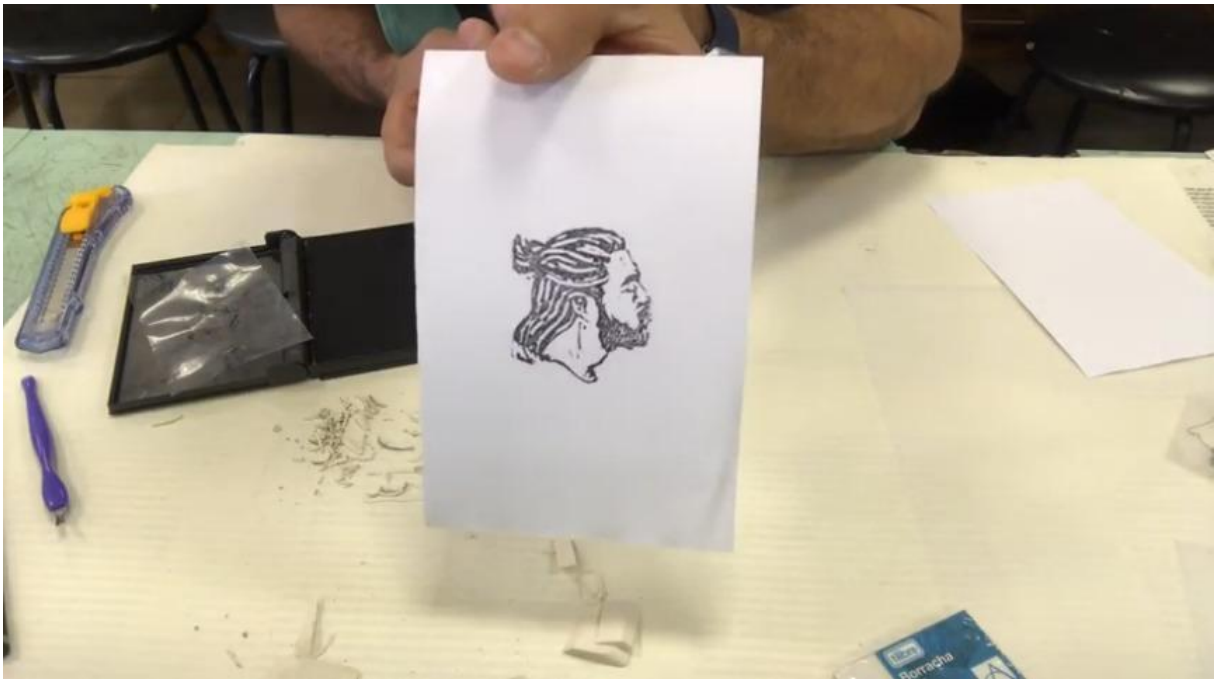

Figura 8. Frame capturado do vídeo “Carimbo de borracha”, por Helder Amorim.[13]

De fato, o material produzido pelo professor Helder Amorim é rico pela grandeza de informações e pela autenticidade de sua dinâmica pedagógica acerca da gravura de maneira alternativa. Porém, não preenche meu objetivo de pesquisa apenas com os vídeos, dado que levar a xilogravura numa matriz de madeira ou usar tinta gráfica, goivas e rolo de borracha, são exigências que estão distantes da realidade de sala de aula. Retomando o pensamento anterior, são materiais que podem oferecer algum risco aos alunos e que são de difícil acesso ao docente, visto que teria de ser providenciado pela própria instituição para ser usado na classe.

Oriundo desse pensamento, dispus acesso a tese de conclusão de curso de Débora Fagundes de Oliveira Garcia[14] (2019), na qual seu tema foi de extremo interesse para minha proposta, sendo ele *"Experimentações em gravura para o ensino de arte: matriz em E.V.A”*. Em sua tese a autora faz uma detalhada pesquisa a campo, que envolve sua experiência enquanto estagiária de cinco diferentes instituições pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), no qual trabalhou intensivamente

[13] Disponível em: Carimbo de borracha - YouTube

[14] Professora de Artes Visuais, graduada em 2019 pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás, campus Cidade de Goiás.

com a gravura em sala de aula de maneira totalmente alternativa e adaptada em relação a materialidade.

Garcia[15], relata em sua pesquisa como foi desenvolvida a ideia diante da necessidade percebida pela mesma, em estágio, de levar a gravura na prática até os estudantes que estava acompanhando, dado que os mesmos somente tinham acesso via teoria didática.

> Nesse momento, relembrei imediatamente de vários aspectos que permearam minha experiência prática nas aulas de gravura, identificando assim, uma realidade totalmente diferente e com possibilidades de adaptação da técnica para aplicação no ensino fundamental ou médio, adequando assim, a realidade educacional quanto ao ponto de vista financeiro, temporal, espaço físico, com utilização de insumos e equipamentos alternativos e neutralizando a periculosidade aos estudantes. (GARCIA. 2017, p. 11).

Sendo assim, após pesquisar em demasia e perceber diferentes possibilidades, optou por trabalhar a gravura em relevo na matriz de E.V.A, juntamente a tintas presentes na escola (não-tóxicas) e de fácil aquisição como colher de pau, lápis e canetas. Em razão de facilitar a vida dos estudantes e professores, dado a facilidade de aquisição, e também pela diminuição dos riscos de estar em um ateliê tradicional (devido às prensas, objetos cortantes e produtos tóxicos).

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), todas as suas vivências com matriz de E.V.A em diferentes espaços educacionais, com diferentes alunos, foram bem sucedidas e proveitosas. Pois de acordo com Garcia (2019):

> As ações tiveram como objetivo experimentar o processo de criação de gravura com matriz de EVA para públicos distintos. Levando, assim, o conhecimento sobre a produção de gravura com matriz de EVA como uma tecnologia simples e ecológica, geralmente, a disposição do estudante em todas as instituições, contribuindo para o avanço dos meios de ensino da Arte da gravura. Buscou-se com o projeto da gravura com a matriz em E.V.A não apenas trabalhar as técnicas de sulcagem da matriz mas também permitir aos estudantes, por meio do processo de criação: ler, analisar e interpretar as imagens produzidas. Ao longo de aulas teóricas e práticas, individualmente ou em pequenos grupos, o ensino da gravura, utilizando como matriz o E.V.A, como um recurso de ensino visual simples e acessível, podemos motivar os estudantes a desenvolver o fazer artístico. Um grande volume laboral foi desenvolvido em diferentes espaços, onde foi possível trabalhar a teoria e a prática da produção de uma gravura sendo assim de

[15] Ibid.

> fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. (GARCIA, 2019, p. 44).

Atrelada às minhas pesquisas anteriores, o TCC de Débora Fagundes foi de suma importância para que, de fato, eu pudesse me encontrar em relação ao meu tema de pesquisa de forma sucinta e imutável. A minha busca não se pauta somente na materialidade em si da gravura, sendo ela ou não algo mutável, adaptável ou substituível, mas também sobre como levar para dentro da vivência escolar toda a atmosfera que envolve a prática da gravura, incluindo é claro o ateliê.

Portanto, minha pesquisa ultrapassa as intenções relatadas por Mello, Silva e Silva (2017) focada na ação de levar estudantes de ensino fundamental para usufruir do espaço da universidade, tão quanto a de carecer de alguma forma de ir ao encontro de outros espaços ou mesmo materiais tradicionais para que, só assim, seja possível levar ao contexto escolar a gravura. Mas, tendo maior proximidade com Garcia (2019), perante a adaptação da materialidade e de técnicas para que exista essa possibilidade de modo brando.

De forma que a gravura não se limite a somente levar à presença da técnica ou mesmo adaptar alguns elementos, mas sim que as duas correspondam significativamente a uma só, em um formato totalmente único de algo transcriável, da presença de um ateliê de gravura móvel original e eletivo dentro da própria escola. Pensando num sentido a descartar preocupações espaciais e relacionados à equipagem, usando apenas o que já lhe é fornecido: a sala de aula e os seus materiais diários.

1.1 Ateliê de gravura como espaço de transcriação

O ateliê de gravura sempre foi saudado dentro do campo da arte devido à noção comum de uma necessidade do mesmo para a execução das diversas gravuras e suas práticas. A tradicionalidade e tecnicismo necessários geram um temor ao se pensar na possibilidade de renunciar ao clássico e à precisão do ateliê físico habitual.

Entretanto, o ateliê nunca fora um espaço que abrange somente as técnicas. Pode se dizer, de um ponto de vista mais poético, que é exatamente o local onde os anseios artísticos se contextualizam em projetos, contemplando assim a forma mais pura da arte. Essa que em meio aos percalços e dúvidas insurgentes, traz todo o sentido à materialidade e experimentação que contém uma gravura e possibilidades nascentes.

Além da concepção das ideias, tal ambiente consegue deflagrar trocas e situações que ampliam e colaboram de forma incremental ao processo. Pois, “A convivência no ateliê de gravura possibilita uma intensa troca de ideias, informações e consequentes transformações pessoais e profissionais [...]” (GONDO *et al.*, 2014, p. 02). Portanto, o ateliê de gravura ultrapassa o conceito de um laboratório prático artístico. Se contempla a medida em que seu local de trocas consegue agregar ao artista e seu trabalho, apenas por sua atmosfera presente.

A palavra *transcriação*, segundo [16]Houaiss (2001, v. 1, p. 2750) diz respeito a uma recriação de algo já existente atrelado à criatividade, transformando assim, em algo totalmente novo e original. Além do olhar etimológico, Haroldo de Campos (1929-2003)[17] traz o conceito de transcriação a partir da visão literária.

Sobre a transcriação na perspectiva de Haroldo de Campos, Amaral (2013) frisa:

> Ao recriar, o tradutor se investe na função de autor e, embora tenha em mãos uma partitura e a ela deva ser fiel, interpreta-a como um novo criador, em pleno exercício de seus instrumentos sincrônicos. Autor e transcriador estão irmanados pelo viés sincrônico de uma mesma luz estética. (AMARAL, 2013, p. 265).

Apesar de ser um termo complicado no que se refere a sua definição concreta, Campos consegue empregá-lo de diferentes formas, tanto no campo

---

[16] Transcriação: **1**-tradução em sentido lato, de algo em que se põe tal criatividade que, alegadamente, o resultado vale como se fosse um original. **2-** FIL termo us. por Leibniz(1646-1716, filósofo alemão), para indicar a ação com que Deus dá razão à alma sensível ou animal. ETIM *trans+criação.*

[17] Haroldo de Campos (1929-2003). Nascido em São Paulo, foi poeta, tradutor e crítico literário. Teve presença na Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956, em São Paulo, e no Rio de Janeiro em 1957. Além disso, de 1960 a 1967, escreveu para o periódico Correio Paulistano. Em 1962, escreveu sua obra mais conhecida, "Da tradução como criação e como crítica”, onde desenvolveu o conceito de transcriação. Seus estudos sempre pautavam sobre a literatura e as artes visuais principalmente do campo da comunicação e semiótica.

literário da tradução quanto relacionado à semiótica. E ainda sim, seguindo sempre a sua própria perspectiva, na qual mantinha a ideia original do objeto transcriado; segundo Nóbrega (2006, p. 250) *"*[...] a transcriação, para Haroldo, significava acima de tudo uma postura de fidelidade, ou de hiperfidelidade […]*".*

No que tange ao âmbito educacional, a transcriação sempre esteve presente (mesmo que inconsciente) no dia a dia do docente em artes visuais. Uma vez que a adaptação e a reinvenção são ferramentas necessárias para o bom desenvolvimento do ensino de artes.

A precisão do espaço físico do ateliê de gravura e seus materiais precisou ser repensada à medida que foi preciso nos adequarmos ao Ensino a Distância (EaD) e ao Ensino Remoto (ERE), iniciado em 2020. Nesse sentido, em meio a necessidade, a solução se deu em relação à ideia de transcriar um ambiente tão excepcional de maneira acessível aos novos moldes. De forma que, apesar do distanciamento físico, ainda sim estariam presentes todas as questões que fazem o ateliê de gravura ser tão especial, como suas trocas, aprendizados, experiências e deflagrações.

Todos nós da Faculdade de Artes Visuais (FAV) tivemos que nos ajustar às atuais medidas cabíveis. O momento foi inicialmente assustador e desesperador, principalmente, visando determinadas áreas e faltas que as mesmas poderiam ter. Diante desse cenário conturbado, abre-se uma possibilidade de novos meios para transcriar, de modo colaborativo, no que se refere à metodologia, didática e materialidade.

Nesse sentido, a transcriação dos espaços, principalmente do ateliê de gravura, deve ser pensada à medida do pensamento de Haroldo de Campos, pois precisa-se manter todos os ícones correspondentes a esse lugar sem tê-lo de fato, mas como? A questão chave é refletir o que há nesse ambiente que o faz tão único, além de seu espaço físico. Suas trocas experiências e vivências, de fato são grandiosas e incomparáveis, mas seriam elas imutáveis ao físico, ou totalmente atrelada à sua experiência com a arte da gravura?

O momento atual serviu para, de fato, refletir e entender sobre os espaços e como os mesmos são correlacionados com as experiências ali tidas, mesmo que elas estejam totalmente alinhadas ao fazer e não ao ambiente. Principalmente após

a minha experiência enquanto monitora na disciplina de Gravura em Côncavo[18]. Minhas reflexões e observações sobre todo o processo da turma estando distante do ateliê, mas ainda sim com tanta produção e colaborações significativas, me fez conseguir responder a essas questões que tanto me rodeavam.

E sobretudo, contribuiu em demasiado para minha bagagem como futura docente em artes, e entender assim, que todos os espaços são transcriáveis à medida que surgir demanda. Enquanto aluna, pude ponderar sobre como a experiência que temos em sala e nos ateliês tradicionais pode ser mantida mesmo sem o presencial, pois pude enxergar que o que traz as trocas, as experiências, os erros e acertos, é o momento que criamos para permitir que tais vivências se desdobrem.

Quando estamos fisicamente no ateliê é esse o momento, a partir da hora que entramos nele já se instaura a atmosfera de correlação artística de ensino aprendizagem, não somente de professor e aluno. Mas de seres humanos que estão ali com o mesmo intuito e que sabem que aquele espaço é livre para os compartilhamentos, diálogos e conexões.

Há também, outra grande questão do ateliê de gravura, a partir da transcriação, sobre sua materialidade. Como antes dito, o ateliê ou laboratório de gravura tende a ser totalmente tradicional e tecnicista, entretanto, nem sempre isso é possível e alcançável a todos. Principalmente, pensando em levar a gravura a outros ambientes além da academia e centros de arte.

Logo, a transcriação propiciou além da atmosfera do ateliê, e seu espaço físico, foi principalmente atrelar isso à transformação de suas técnicas e em como os mesmos poderiam ser inatingíveis em relação ao seu resultado.

[18]Gravura: Processos em Côncavo. Ministrada pela Professora Dra. Adriana Mendonça, no ano de 2021. Semestre 2020\2.

“Nem puro conceito, nem ação sem pensamento. É uma situação impura, cujos elementos não podem ser separados sem destruí-la.” (BUTI,2002)

CAPÍTULO 2- MONITORIA EM GRAVURA E OBSERVAÇÕES A PARTIR DO ENSINO REMOTO

Durante o período de março a junho de 2021, tive êxito na seleção de monitoria voluntária para a matéria de *gravura: processos em côncavo* em ensino remoto. Pude acompanhar a turma do bacharelado que estava no quarto período, juntamente com a professora Adriana Mendonça, docente responsável por ministrar as aulas. Tal turma iniciou sua jornada dentro da Faculdade de Artes em 2019-1, logo sua experiência no espaço físico tinha sido mínima, principalmente no que se refere às aulas de ateliês. Pois a partir do segundo período as disciplinas de ateliês e laboratórios ficam mais intensas.

O planejamento da disciplina foi realizado de forma a incrementar o dinamismo atrelado a teoria e técnica, com aulas variadas entre encontros online síncronos e momentos assíncronos voltados para a produção individual. Onde o principal objetivo poético, pautado na ementa, foi trabalhar o desenvolvimento das pesquisas individuais de cada estudante em formato de um memorial descritivo, dito um caderno de pesquisa artística ou caderno de artista. É através dele realizar diversos registros, como imagéticos, audiovisuais e escritos, onde assim o aluno conseguiria organizar uma pesquisa dentro de seu próprio projeto, aprofundando referencial e conceitual.

De maneira geral, o foco técnico se mantinha em mediar o conhecimento da prática do côncavo em metal, seus procedimentos, materialidade e impressões, no que tange ao teórico da gravura e ao referencial artístico presente. Abrangendo também para a exploração das variadas possibilidades alternativas existentes para a execução do côncavo, explorando as diversas matrizes e formas de impressão. Bem como gerar um estudo teórico a respeito da história da gravura em metal.

Para isso, o conteúdo programático foi desenvolvido em quatro etapas dentro da disciplina, sendo eles: Estudos teóricos sobre a gravura em metal; Manuseio e métodos acerca da materialidade e processos de impressão; Realização da técnica

de ponta-seca; Realização dos projetos experimentais em côncavo. Durante todas as etapas foram trabalhados quatro módulos que dizem respeito às possibilidades dos materiais convencionais a serem utilizados como matriz no côncavo e demais particularidades, com ênfase no respaldo teórico. Sendo o primeiro módulo:

- COBRE: objetivou *"Contextualizar o estudante sobre o que é gravura em côncavo? Contextualização histórica, conceitos, procedimentos e possibilidades a partir do côncavo. Perceber "o côncavo" no cotidiano."*[19] E gerando de si um trabalho prático cujo os estudantes precisavam registrar em fotografia, as variadas formas cotidianas em que se pode enxergar a gravura, através de objetos presentes na rotina.
- Seguindo para o segundo módulo; LATÃO: *"Ampliar o entendimento da gravura em côncavo através da teoria, prática e confecção e/ou apropriação de matrizes; entendimento sobre as possibilidades das técnicas de ponta seca, água forte, água tinta, etc; apresentar etapas do processo das técnicas de ponta seca, água forte, água tinta; apresentar trabalhos de artistas que trabalham com gravura em metal."* Para sua finalização, um trabalho prático foi solicitado a respeito do início do desenvolvimento do projeto final de elaborar uma gravura em côncavo, portanto pensar e pesquisar a respeito dos materiais, técnicas e conceitos a serem utilizados.
- Em terceiro, ALUMÍNIO: *"Entendimento sobre os materiais e químicos de um ateliê de gravura em metal; desenvolver a matriz de gravura em metal a partir do projeto desenvolvido no módulo 2; entendimento do e diferentes possibilidades da gravura em metal."* No terceiro módulo o projeto continua a ser desenvolvido, já adiantado, inicia-se a escolha da matriz e dos materiais a serem utilizados.
- Por fim o quarto módulo, PLÁSTICO: *"Trabalhar procedimentos com matrizes de plástico; refletir sobre procedimentos em côncavo na gravura contemporânea, o uso do plástico e materiais alternativos; perceber a importância da transparência na utilização de plásticos e acetato; observar a*

[19] Plano de ensino da disciplina de gravura: processos em côncavo. Ministrada em 2021/1. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1ASXPJTb7kRNX5Fe_9RJa_6DFv66zqlia/view?usp=sharing

importância da maleabilidade do plástico; entendimento da impressão em côncavo que deriva dos processos tradicionais." Com todas as questões conceituais e referenciais desenvolvidas, o projeto finaliza e se volta totalmente para a prática em si, na matriz determinada pelos estudantes, apresentam a versão final da sua gravura em encavo e suas impressões.

A interação com a técnica foi desenvolvida mediante a sugestão de diversos materiais alternativos, principalmente para execução de matrizes. Como por exemplo, parte interna das caixas de suco ou leite, plástico acetato, latas de metal (como de cerveja, sucos energéticos), pastas de plástico… além do uso de matrizes convencionais de metal a quem pudesse ter acesso a tal.

As atividades planejadas de forma assíncrona tinham o intuito de trabalhar a criatividade e percepção da gravura baseada no cotidiano dos estudantes. Como fotografia acerca dessas percepções, anotações em um caderno de artista, pesquisas e observações que pudessem de alguma forma contribuir para o trabalho final a ser desenvolvido e apresentado.

Além da participação de monitores nas aulas, haviam também estagiários atuando com ações educativas e alguns convidados especiais que dispuseram de sua agenda para dialogar sobre sua trajetória e apresentar seus trabalhos no tocante à gravura, especialmente em encavo. Apesar do momento tortuoso, a disciplina se desenvolveu de forma tranquila e proveitosa, principalmente dadas as circunstâncias de trocas de aprendizagem presentes. Se deram por discente-discente, professora-discentes, monitores-discentes e monitores-professores.

Nesse sentido um dos momentos mais marcantes da disciplina, uma das estagiárias em seu momento de atuação, ministrou um momento de impressão em uma matriz alternativa (parte interna de uma lata de cerveja), feita em sua residência porém, de forma tradicional, dado que a mesma tinha acesso a uma prensa. Nessa ocasião, a ação se desenvolveu numa espécie de diálogo que envolveu um espaço de trocas conjuntas. Onde vários estudantes compartilharam sobre seus processos, percalços e conquistas, além das diversas maneiras de adaptação de formas

inusitadas, como um exemplo que foi dito por um discente, passar o carro em cima da matriz de encavo para testar se faria a mesma função do peso da prensa no papel.

De uma forma geral, as aulas síncronas eram semelhantes ao convívio do ateliê em si. Num conceito de troca a partir da experiência e aprendizado de cada um de forma compartilhada e receptiva ao outro. Especialmente em relação às maneiras improvisadas diante da ausência dos materiais específicos de côncavo, já que, em casos como esse, da impossibilidade de usufruir de um ateliê e o que sua materialidade oferece, o que resta é a criatividade como base da adaptação. Foi exatamente a partir desses momentos específicos que pude ter a certeza que estava presente ali o meu ponto chave de pesquisa, de fato, um “ateliê transcriado” na perspectiva do ensino remoto. Pois, como base

> O ateliê também é essencialmente constituído por daqueles que ensinaram, aprenderam e produziram nesse espaço. Esses indivíduos estabeleceram — conjuntamente com outros discentes dos cursos de graduação, assim como com outros docentes e artistas — a condição ativa de funcionamento do Ateliê de Gravura como espaço de produção e compartilhamento de experiências. (GONDO et al, 2014, p. 02)

2.1 Processos Estudantis

Os estudantes sempre se mostraram empolgados em descobrir o universo da gravura em côncavo, em contrapartida, era perceptível um sentimento de receio por ambas as partes. Tanto dos alunos em relação a disciplina prática de ateliê ser ofertada virtualmente, quanto por parte da docente e monitores no que tange à proposta metodológica, aceitação e adaptação da mesma.

Visto que era uma das primeiras experimentações em côncavo na ausência do espaço físico habitual, a resposta dos alunos diante desse momento poderia ser das mais diversas e até mesmo de forma negativa e incoerente ao novo modelo de ensino remoto. Como alegam Coqueiro e Sousa (2021, p.66066) *“[..] o ensino EAD pode parecer fácil, mas caso o estudante não tenha autonomia e dedicação, não estude de forma colaborativa, se torna mais complicado uma formação significativa”*. Contando também com a presença das inúmeras preocupações oriundas da

situação de saúde pública[20] que o mundo se encontrava e as restrições sanitárias decorrentes.

Tão logo como no início das aulas onde era claro o medo do novo e do inesperado em relação a uma matéria prática que aconteceria a distância. Ao mesmo tempo que conversa com as inseguranças já existentes do ERE, visto que o processo de ensino aprendizagem de forma online já acontecia a um semestre, mas que ainda sim, traz consigo diversas dúvidas, principalmente sobre desempenho de técnicas atrelado às responsabilidades. Que em um momento como esse ficam cada vez mais complicadas de se manter.

Inicialmente, as dúvidas e questionamentos sobre todo o processo e como ele seria realizado soavam mais alto do que a vontade da experimentação em si. Embora seja totalmente compreensível a ansiedade a respeito da falta dos materiais e ambiente necessários, a professora a todo momento fazia questão de exaltar a essência da técnica da gravura, e não somente a sua materialidade. Acredito eu que isso advém do caminho acadêmico percorrido pela docente em sua formação na licenciatura em artes visuais a distância. De tal forma, senti que os estudantes, apesar da preocupação, foram aceitando a ideia de repensar os moldes habituais e sair um pouco dessa zona de conforto que o ateliê tradicional nos traz a partir de toda a sua estrutura.

Foi perceptível o processo de adesão e reconhecimento da rama de possibilidades presentes mesmo nesse contexto, a medida que durante as aulas os próprios alunos davam ideias de possíveis materiais e objetos que poderiam se transformar em uma matriz. Ou mesmo traziam informações e vivências tidas durante o decorrer do semestre que de alguma forma poderia agregar às trocas de saberes ali tidas.

Partindo do momento da tomada de consciência e abertura para todos os novos possíveis rumos, os discentes que a pouco tempo eram tomados por aflição, agora desenvolviam excelentes projetos e possibilidades a partir dos mesmos. Num sentido até de ir além do fim facultativo da matéria em si, mas com intuito de levar a gravura como proposta pessoal artística.

---

[20] Pandemia Covid-19. Iniciada em 2019 e atualmente (2022) controlada, mas ainda sem visão de erradicar o vírus ou mesmo de risco mínimo à população.

2.1.1 Trabalhos Desenvolvidos e Seus Aprendizados

No decorrer do semestre, a cada módulo eram solicitados trabalhos práticos e teóricos, a fim de aumentar ainda mais a noção da técnica e da história dos processos envolventes. Por tanto os alunos não desenvolviam somente pesquisas a respeito das práticas solicitadas, mas também resenhas, resumos e escritas no geral a fim de basear-se melhor a respeito da historicidade atrelado à teoria das técnicas e materiais.

Entre anotações, registros e tentativas, os estudantes foram conseguindo dar os primeiros passos perante ao côncavo. A maioria optou por usar ponta seca em materiais alternativos, como caixa de leite e suco, e em relação a impressão, foram inúmeras tintas testadas, como acrílicas, óleo, aquarela e guache.

Dadas as suas expectativas, inicialmente alguns alunos relataram se sentirem frustrados perante aos resultados tidos. Entretanto, no andar da disciplina perceberam que tudo ali produzido se tratava, sobretudo, da experimentação da técnica e não no resultado em si, quão menos na impressão e qualidade técnica da mesma.

Ainda assim, os discentes se concentravam em achar maneiras inusitadas de encontrar de alguma forma uma substituição ou adaptação de materiais tradicionais, como consta no caderno de gravador de uma estudante (figura 6), onde a mesma cria uma prensa improvisada e tenta diversas vezes uma impressão. Assim como relatos de tentativas de recriar a pressão de outras formas como passando com carro, bicicleta e patins em cima da matriz, ou mesmo colocando a matriz embaixo dos pés de uma geladeira ou de máquina de lavar… as possibilidades ali criadas foram inúmeras.

Todavia, todos os projetos desenvolvidos tiveram grande valia ao processo dos estudantes enquanto artistas e principalmente enquanto estudantes do ensino remoto em artes visuais. Servindo como base, assim como serviu para mim, para o desenrolamento de possíveis projetos e trabalhos futuros pautados justamente nesse momento ou no pós. De toda forma, a participação e desempenho dos

mesmos sempre terá valor ao esforço e força de vontade presentes em suas gravuras.

Para fins de complementação, os estudantes e professores fizeram um projeto ao final da disciplina onde todos os trabalhos desenvolvidos aparecem de forma poética. Mais adiante irei comentar detalhadamente sobre o tal , entretanto, friso aqui a importância de compartilharmos as atividades desenvolvidas não somente com a comunidade FAV, mas também a nível nacional, como foi este trabalhado. Visto que uma vez disponibilizado via internet pode-se alcançar inúmeros ambientes, pessoas e países.

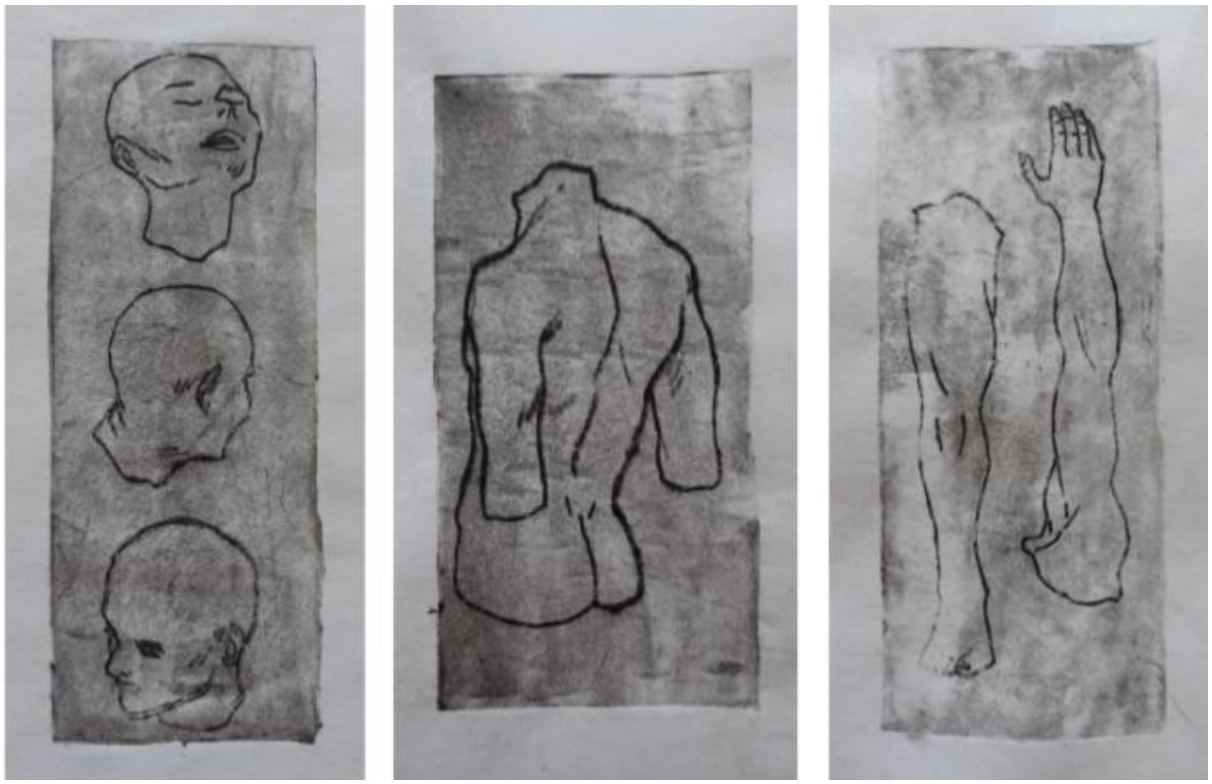

Figura 9: Carlos Henrique. 4° período bacharel em artes visuais. Matriz em caixa leite impressa sobre papel com tinta a óleo; gravura em côncavo. E-zine Côncavos, 2021, p.34.

Figura 10: Trabalho do aluno Nícolas Montefusco. 4° período bacharel em artes visuais. Matriz em caixa leite e impressões; gravura em côncavo.. E-zine Côncavos, 2021, p.101.

Figura 11: Trabalho do aluno Daniel Oliveira. 4° período bacharel em artes visuais. Matriz em caixa leite e impressões; gravura em côncavo.Matriz em caixa leite impressa sobre papel,tinta óleo;gravura em côncavo. E-zine Côncavos, 2021, p.38.

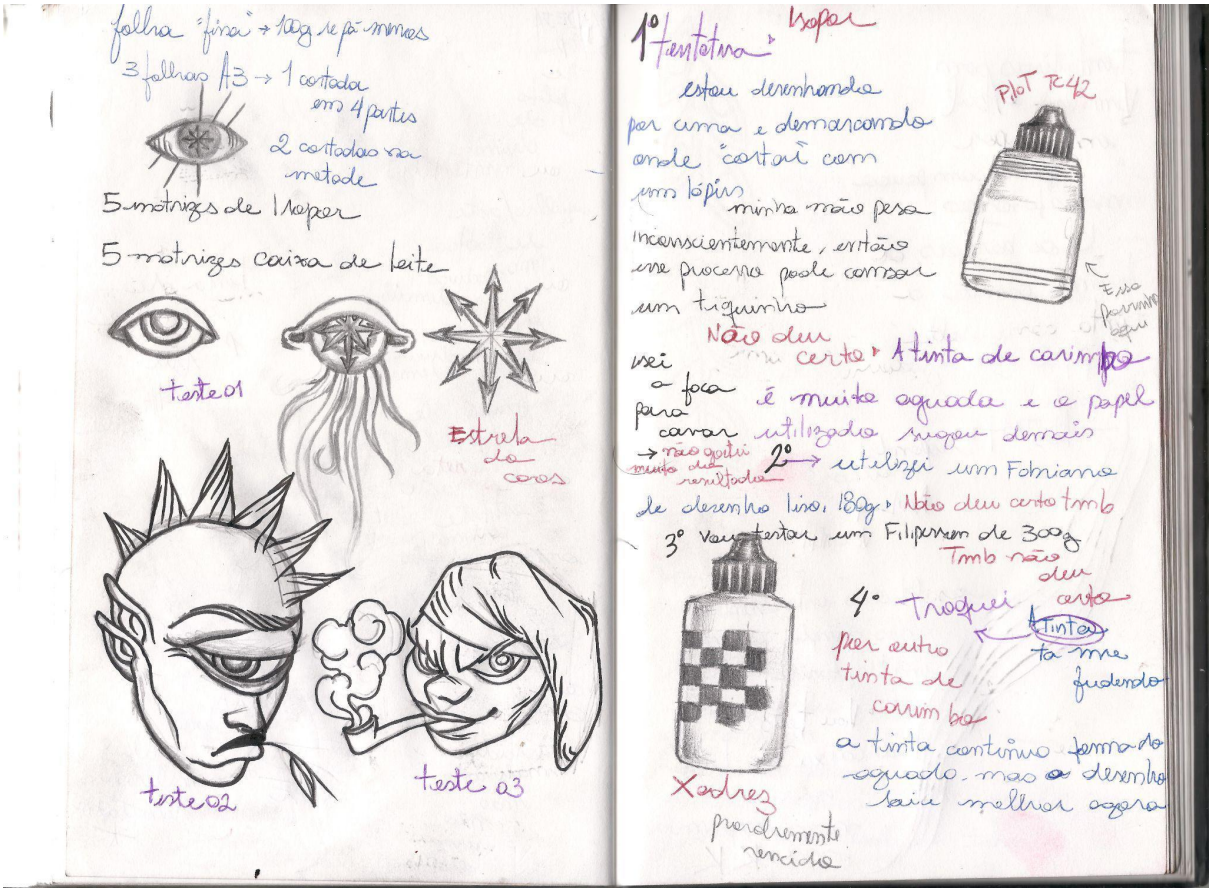

Figura 12. Anotações do caderno de gravador do aluno Nícolas Alves Montefusco. 4° período bacharel em artes visuais. E-zine Caderno de Gravador. 2021, p. 73.

Figura 13. Anotações do caderno de gravador da aluna Giulianna Vitória Augusta Ramos. 4° período bacharel em artes visuais.E-zine Caderno de Gravador. 2021, p.49.

2.2 E-zine

No processo de finalização da disciplina, foi conversado com os estudantes a possibilidade da elaboração conjunta de dois fanzines , a partir dos projetos e cadernos de artistas elaborados durante o período. Segundo Magalhães (2020),

> O fanzine é uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafo, fotocopiadora, impressora laser ou mesmo em offset. Para sua edição, conta-se com fãs individuais, grupos, associações ou fãs-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou vários. (MAGALHÃES, 2020, p.48)

De modo complementar, esse material seria feito com a participação dos estudantes relacionada ao conteúdo desenvolvido durante a disciplina e todas as reflexões oriundas do mesmo, dos estagiários e monitores no que se refere a auxílio na organização e participação ativa dos processos, podendo também ter envolvimento com suas produções em gravura.

Após a turma ter aceito a proposta, iniciou-se o percurso da elaboração e montagem do e-zine (diagramação, escolha das imagens, tratamento das imagens e fontes a serem usadas), realizada pela professora Adriana. Tendo em vista que foi um material desenvolvido e pensado a distância, nada convinha mais do que a ideia de disponibilizá-lo de forma online para todos. Dessa maneira, foi definido que o material seria confeccionado em formato de fanzine mas mantido no virtual, contemplando assim um E-zine.

A ideia vigorou em desenvolver dois diferentes tipos de zines, no mesmo formato virtual, mas que dispusessem de diferentes conteúdos. O primeiro, “E-zine Cadernos de Gravador”, se baseou em fotos dos processos e anotações feitas durante os mesmos, com todo tipo de reflexão, dificuldades e conquistas que fazem parte do desenrolar artístico. Tais dados foram coletados através dos próprios alunos colocando seus cadernos em pastas do drive em acesso compartilhado à toda a turma. Criando também, mais um espaço de compartilhamento de experiências e análise própria e coletiva, já que a interação com o trabalho dos colegas era presente.

Seu desenvolvimento foi executado de forma mais rápida e singela, em virtude de os trabalhos já terem sido apresentados e analisados anteriormente. Diferentemente do segundo material, o "E-zine Côncavos", que precisou de mais tempo e atenção no que tange a sua montagem e execução. Já que neste zine a ideia

era expandir acerca de tudo que foi produzido na disciplina, durante todos os módulos, dando ênfase no trabalho de pesquisa e efetivação das matrizes e suas possíveis impressões. Contando então, com imagens e registros do fazer, imagens dos trabalhos finais (a matriz já gravada e a impressão), bem como as informações datadas em sala de aula durante toda a disciplina em relação à técnica e materialidade do encavo.

O principal intuito da elaboração e desenvolvimento desses materiais em formato de e-zine, foi de divulgar os trabalhos e pesquisas desenvolvidos durante a disciplina, mas também agregar um alcance maior no que diz respeito à técnica do côncavo e seus processos. Também acredito na potencialidade de um material como esse em relação ao momento vivido, principalmente porque carrega em si um sopro de resistência presente desde sempre no campo da arte. Onde embora tenhamos crises, guerras, sofrimento e desespero, a arte nunca deixa de trazer o sentido de existir e crescer perante ao improvável e ao inalcançável. Em um momento tenebroso como o que estamos enfrentando, resistir e se mostrar presente é fundamental. E tenho plena certeza que nós, da Faculdade de Artes Visuais da UFG sempre fomos e continuaremos sendo a forma mais pura de existir e resistir, pois como disse Ferreira Gullar, *"A arte existe porque a vida não basta".*

Durante a finalização do zine, partindo da análise das gravuras, anotações, reflexões e registros imagéticos, pude perceber que aquele era o resultado da minha pesquisa antes mesmo de ter concretizado a mesma. Pois ali, aquele material, aqueles resultados, todo o processo de trocas vivências experiências acertos e erros, isso de fato era o ateliê de gravura em processo de transcriação. E em dado momento me dei conta do quão especial tinha sido participar daquela experiência de ser monitora na minha área de maior afinidade e ao mesmo tempo ter tantos aprendizados oriundos da mesma,e em um momento tão caótico sair algo tão importante para mim… Verdadeiramente eu só tenho a agradecer, e esse trabalho

que desenvolvo a partir desse trabalho de conclusão de curso, é apenas uma das formas de demonstrar tal agradecimento gerando outras experiências semelhantes à minha.

“Certos materiais são transcendentes e podem transcender a materialidade ao serem combinados e coexistindo. [..] São acompanhamentos e descobertas dentro dos materiais.” (BONOMI

CAPÍTULO 3 - MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO NO ATELIÊ TRANSCRIADO E POSSIBILIDADES

No ambiente escolar, os docentes em artes utilizam da transcrição em diversos aspectos (mesmo que de forma inconsciente), principalmente no que tange a realização das práticas, em relação a ter um espaço ideal para tal. No tocante a pintura como exemplo, cria-se o ambiente adequado com o que se tem disponível ali, transformando assim toda espacialidade presente para que se alcance o objetivo proposto. E apenas com um chão coberto de jornais, um conjunto de pincéis, potes de tintas e papéis, nasce um ateliê de pintura adaptado e até mesmo móvel. Tais acontecimentos ocorrem diariamente no âmbito da sala de aula, não somente em artes mas no conjunto interdisciplinar como um todo. Sobre o ateliê em espaço escolar:

> Ele tinha que ser um lugar para sensibilizar o gosto e o sentido estético da pessoa, um lugar para a exploração individual de projetos conectados com experiências planejadas nas diferentes salas de aula da escola. O ateliê tinha de ser um lugar para pesquisar motivações e teorias de crianças a partir das suas garatujas, um lugar para explorar variações em instrumentos, técnicas e materiais que usamos para trabalhar. Tinha de ser um lugar que favorecesse os itinerários lógicos e criativos das crianças, um lugar para se familiarizar com semelhanças e diferenças entre as linguagens verbais e não verbais. O ateliê tinha que emergir como o sujeito e o intermediário de uma prática multifacetada; tinha que provocar situações específicas e interconectadas, possibilitando transferir o novo conhecimento adquirido sobre a forma e o conteúdo da experiência educacional cotidiana." (1988.GANDINI *et al*, 2012, p. 22).

Portanto, é presente a necessidade de levar o ateliê para diálogo com os estudantes, principalmente se for baseado na alteração dos elementos tradicionais, proporcionando assim, uma diferenciada visão e conhecimento dos mesmos perante tais espaços, focando na possibilidade de levar as práticas artísticas a todo e qualquer ambiente.

Apesar desse tipo de evento acontecer corriqueiramente nas artes visuais, a gravura ainda sim é refém de uma determinada exclusão justificada perante a falta de espaço e materialidade tradicionais, como dito anteriormente[21]. De tal forma que os estudantes, infelizmente, não conseguem ter acesso às suas práticas técnicas, podendo gerar uma falta ou mesmo um hiato em relação a disciplina de artes.

[21] Capítulo 1- Cartografia da Gravura no Ensino de Artes. Primeiro parágrafo, página 15.

A produção da gravura nas escolas é de fato presente, entretanto, comumente não é dita, vista ou interpretada enquanto técnica. Em sua maioria, é apenas voltada para outros conceitos que não abrangem o universo da gravura, como por exemplo quando se é trabalhada a impressão em papel, geralmente é voltado para outros segmentos artísticos e materiais onde o conceito da gravura e da impressão não estão presentes. Como base, podemos partir do pensamento de Martins:

> A gravura na escola e na vida da criança tem início com o próprio uso das mãos. É importante que as pessoas, preocupadas com o emprego e uso de materiais sofisticados, não esqueçam de usar as mãos como veículo direto que permite desenvolver a sensibilidade através do tato. (MARTINS, 2000, p. 202)

Partindo da experiência relatada anteriormente, tida em 2020 com a turma de gravura em côncavo, ministrada na FAV, pude ter a certeza que além do ateliê de gravura ter a possibilidade da transcriação ele se torna ainda um ateliê móvel. A medida que se faz a substituição de alguns materiais atrelados a diferentes possibilidades de utilização dos mesmos, gera ali uma oportunidade de levá-los para os demais espaços que necessitam. Visto que a maioria dos espaços voltados para a arte educação não tem acesso a um ateliê tradicional de gravura.

Pensando então, em perspectiva móvel, acessível e segura, me vem a ideia da construção dentro de sala de aula desse ambiente transcirado. Pois é viável para o professor de artes, deliberar aos estudantes que contribuam com o material, (já que o mesmo é de baixo custo) e que consigam juntar esses materiais em um único espaço, como uma caixa. Assim, todos os objetos necessários para a construção da prática estariam sempre disponíveis para serem montados, gerando um ateliê em sala de aula ou em qualquer outro ambiente, dado que podem levar a caixa ateliê para qualquer ambiente.

Dando ênfase que, tal possibilidade não se limita somente ao contexto escolar, mas também se dissemina em vários locais onde possa haver anseios pela prática da arte, como ambientes informais de educação, escolas parques, oficinas, centros de artes e demais espaços, e demais públicos, para além de crianças e jovens.

Mas ainda sim, há outra questão que notei bastante presente durante minhas vivências em sala de aula, como docente e pesquisadora principalmente. Alguma parte dos professores de artes, não tem o conhecimento ou domínio específico da técnica de gravura, mesmo que de forma adaptada, tornando assim, ainda mais complicado de ser inserida no planejamento de aulas. Muitas vezes é perceptível que essa falta vem do ambiente em que o docente se formou, onde a gravura era uma modalidade opcional e não obrigatória. Ou ainda, uma questão que vai além de todas essas, há professores que lecionam arte nas escolas mas que não são de fato formados na área.

Visando poder incluir todos os contextos possíveis e agregar da melhor forma possível, pensei em desenvolver um projeto onde a partir das reflexões tidas a partir desse trabalho de conclusão, atrelado a todas as minhas vivências, um material que possa conter diversificadas maneiras de se trabalhar a gravura independente do ambiente e com materiais totalmente acessíveis. A elaboração do mesmo se baseia em uma espécie de manual alternativo, que seja simples e direto, com o intuito de ajudar e orientar acerca da gravura adaptável.

O seu principal objetivo é trabalhar a partir da perspectiva de transcender os limites físicos e levar a gravura a qualquer ambiente e público, como dito por Vezzani:

> A superação dos limites técnicos ou estéticos e sua relação com fins utilitários fez a gravura transitar com desenvoltura entre a vida real e o mundo artístico. Para percebê-la e apreciá-la no contexto contemporâneo é preciso exercitar não só a sensibilidade, mas também o olhar. (VEZZANI, 2008, p. 4)

3.1 Manual da Gravura Acessível

Um dos principais pontos que procurei trabalhar a partir da expansão da gravura alternativa em ambiente escolar, é o aprendizado sobre a técnica, de modo processual. Tendo em vista que estamos lidando com crianças e adolescentes, acredito que a técnica crua, com materiais tradicionais e todas as regras que a envolvem, não seja algo atrativo e interessante para se trabalhar em contexto sala

de aula. Principalmente devido à espontaneidade e sede de descobertas e exploração que as crianças têm em si. Enchê-las de regras e de conceitos extremamente tecnicistas tem chance de podar de alguma forma toda a sua expressão e naturalidade existentes quando se envolve a arte.

Portanto não seria ideal, mesmo que fosse viável, trabalhar relevo em madeira com crianças por exemplo, ou mesmo trabalhar encavo em metal com adolescente… Isso devido a rigidez e cuidados necessários para se tratar a técnica a partir de tais materiais. E a relação criada com materiais acessíveis e até mesmo ecológicos[22], agrega muito em relação ao estudante ter livre acesso ao erro de forma positiva, podendo até mesmo transformá-lo em algo bem vindo em sua obra. Pois a maioria dos alunos quando percebem um erro ou uma dificuldade em relação a um campo artístico, desistem facilmente daquela práxis. Acontece muito com desenho por exemplo, quando a criança percebe que desenha “mal” ou tem algum tipo de frustração em relação ao seu traço evita qualquer tipo de demonstração do mesmo, bloqueando assim seu interesse e envolvimento perante o mesmo.

Ao contrário, por exemplo, de quando trabalhamos com a isogravura[23], onde a criança lida com um material maleável e comum ao seu cotidiano, evitando assim de causar qualquer tipo de estranheza. O isopor atrelado ao desenho e, mexe com os sentidos que a criança geralmente conhece e pratica no seu dia a dia, o de riscar, arranhar e colorir utilizando objetos como lápis, canetas e lapiseiras. E ainda consegue melhorar à medida que envolve outras maneiras em que o estudante se sente livre, como trabalhar com a tinta e poder ter a sensação de aprender e se impressionar com a imagem gerada.

É imprescindível pensar sobretudo na introdução à gravura como algo necessário antes de qualquer prática, trabalhando com os estudantes principalmente questões do dia a dia como identificar relevos e texturas a partir de folhas, pedras, conchas, areia, entre outros. Também é necessário trabalhar a ideia do espelhamento das palavras e a partir de atividades interativas, e assim inserir esses

[22] Materiais reciclados em geral ou não poluentes, como caixa de leite e suco, papel reciclado, bandejas de isopor, argila, entre outros.
[23] Comumente conhecida como Isogravura, trata-se de utilizar como matriz o isopor e partir dele poder trabalhar a técnica de relevo.

pequenos conceitos de forma natural para que o aluno consiga absorver essas “pré-técnicas” como algo corriqueiro. Como relata Martins,

> O ensino de gravura visa contribuir para o desenvolvimento da atividade criativa na escola, ao entrar em contato com técnicas diversificadas, que “revelam a surpresa da imagem invertida e que permitem tintagem do suporte e que conduz à ansiedade da prova. (MARTINS, 2000, p. 203)

Todavia, ser processual não anula a possibilidade de apresentar a prática da gravura com materiais tradicionais, não é de forma alguma um significado de estagnação ou zona de conforto, pelo contrário, trabalha de modo construtivo para que se possa chegar a tal momento naturalmente de forma confortável e familiar aos alunos. Sem ter a possibilidade de gerar medo, frustração e desistência a partir da estranheza do desconhecido, e que desse modo, comecem a acessar os signos que envolvem a gravura e não somente ir ao encontro direto com a prática, mas sim fluindo ao decorrer do tempo, atrelando um maior sentido.

Aprendi, a duras penas, que muitas vezes o nosso desejo enquanto professores em levar o conhecimento, a aprendizagem e a técnica para a sala de aula tem que ser primordialmente, respeitando os alunos enquanto sujeitos únicos que estão em fase de descobrimento. Tanto de si próprios quanto do outro quanto do mundo. Portanto, precisamos lembrar o sentido mais puro da arte, que consegue juntar a descoberta, expressão e liberdade a partir da criatividade ali presente. E muitas vezes, no entusiasmo de nossos interesses enquanto docentes e mediadores de conhecimento, atropelamos esses processos tão essenciais para a total compreensão da experiência. Correndo risco de colocar o nosso interesse pessoal acima da necessidade dos estudantes.

Pensando nesse sentido, busquei propor a realização do manual como um material que seja finalizado futuramente[24] e que nesse momento eu apresente o esboço do mesmo, onde vou expor o conteúdo trabalhado e as diversas possibilidades a partir da gravura.

---

[24] Enquanto tese de mestrado, usar o manual acessível da gravura como meio de pesquisa sobre levar de fato a gravura para diferentes contextos de variadas escolas. Finalizando ele como material físico e virtual, disponibilizando para docentes do campo e estudando sobre suas experiências partindo do uso do mesmo. Com possibilidades para publicação e expandir a ideia a outras modalidades técnicas das artes visuais.

Este material busca facilitar o acesso à gravura de forma simples e realizável, independente do espaço físico disponível. Seu principal objetivo é tornar possível a experimentação da gravura sem a necessidade de um ateliê tradicional. Dessa forma, esse manual é voltado a todos que possam ter interesse ao tema, e principalmente para docentes que não tenham um ateliê de gravura a disposição.

O manual conta com uma pequena introdução a respeito da gravura e sua história, de forma a familiarizar o leitor com a modalidade caso não seja comum a si.

Seguindo de diferentes modos de realizar várias experimentações de gravura, como a monotipia, relevo, impressão … Vale frisar que também conta com maneiras de como elaborar alguns materiais necessários caso não tenha acesso a eles. Como por exemplo, orientando como fazer papel reciclado e como utilizar o mesmo em diferentes atividades presentes no material.

Sua elaboração foi pensada da forma mais simples e direta possível , pois dado ao contexto escolar, imagino que os docentes precisam de algo direto e claro ao seu entendimento e também ao dos estudantes. Para uma melhor finalização, será agregado futuramente algumas ilustrações para ajudar na identificação dos materiais e aumentar o interesse visual. Dito isso, segue abaixo o conteúdo prático elaborado:

CARIMBO DE BORRACHA

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Borracha escolar grande

Aparador de cutículas ou goiva

Rolo de borracha

Tinta de sua preferência (gráfica, guache ou acrílica)

Papel de sua preferência (reciclado, branco, pardo ou de gramatura alta)

REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

Desenhe sobre a borracha a forma desejada usando lápis grafite ou canetinha. Com o aparador de cutículas ou goiva, grave nas partes onde você não deseje que a tinta pegue. Após acabar, pegue o papel de sua preferência e posicione a borracha onde irá carimbar. Derrame a tinta de sua preferência em um local liso e plano, como uma mesa de vidro ou pedra, ou uma tábua de corte e espalhe com o rolo. Passe a tinta com o rolo de borracha na parte gravada e vire cuidadosamente a borracha no papel. Faça uma pequena pressão. Retire a borracha do papel com cuidado e sua gravura estará pronta.

Figura 14. Frame capturado do vídeo “Carimbo de borracha”, por Helder Amorim.[25]

GRAVURA EM ARGILA SEM IMPRESSÃO

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Argila

Objeto pontiagudo (lápis, caneta, lapiseira, palito de madeira...etc.)

Tinta de sua preferência (acrílica ou PVA)

[25] Disponível em: Carimbo de borracha - YouTube

Rolo de esponja

REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

Com a argila já hidratada e maleável, modele como desejar. Pode ser feita em diversos formatos, por exemplo copo, caneca, pratos ou mesmo coisas simbólicas como formato de coração, sol, bola... use a criatividade. Após a modelação, deixa argila secar até ficar firme, mas ainda úmida. Pegue seu objeto pontiagudo e comece a gravar pelo objeto modelado, colocando pressão e retirando as partes indesejadas. Após finalizar, deixe secar completamente por aproximadamente 24 a 72 horas. Opcional: Quando estiver completamente seco, use o rolo de esponja para passar a tinta de forma delicada sobre o objeto.

Figura 15 . Gravação em bolachas de argila, realizada pelo 6° ano “A” e “B” do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe[26].

GRAVURA COM ISOPOR : ISOGRAVURA

[26] Disponível em: Blog do UCHOA (wwwblogdouchoa.blogspot.com)

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Bandeja de isopor limpa

Lápis, caneta ou lapiseira

Tábua ou mesa plana

Rolo de borracha ou rolo de esponja

Tinta de sua preferência (guache ou acrílica)

Papel de sua preferência (reciclado, branco, pardo ou de gramatura alta)

REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

Corte as bordas da bandeja de isopor de forma que fique plana. Desenhe sobre a bandeja a imagem que deseja gravar. Passe o lápis, lapiseira ou caneta com força na bandeja durante ou depois de desenhar. Espalhe a tinta de sua preferência na superfície escolhida e passe o rolo entintado na bandeja. Coloque o papel escolhido sobre a bandeja e aperte de forma delicada, passando as mãos sobre o apel sem deixar espaços. Retire a folha com cuidado e sua gravura está pronta.

Figura 16. Frame capturado do vídeo “Isogravura- gravura com isopor”[27], por Vitória Medeiros.

MONOTIPIA COM FOLHAS

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Pincéis ou rolo de esponja

Tintas de sua preferência (guache ou acrílica)

Papel de sua preferência (reciclado, branco, pardo ou de gramatura alta)

Folhas de árvores de diversos tamanhos

REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

Colha folhas variadas de diferentes árvores e lave as mesmas com água corrente. Passe tinta em um dos lados da folha e coloque sobre o papel escolhido, fazendo uma pequena pressão. Retire a folha com cuidado. Faça com diferentes cores de tintas criando diferentes formas e desenhos. Use a criatividade.

[27] Disponível em: Isogravura - gravura com isopor - YouTube

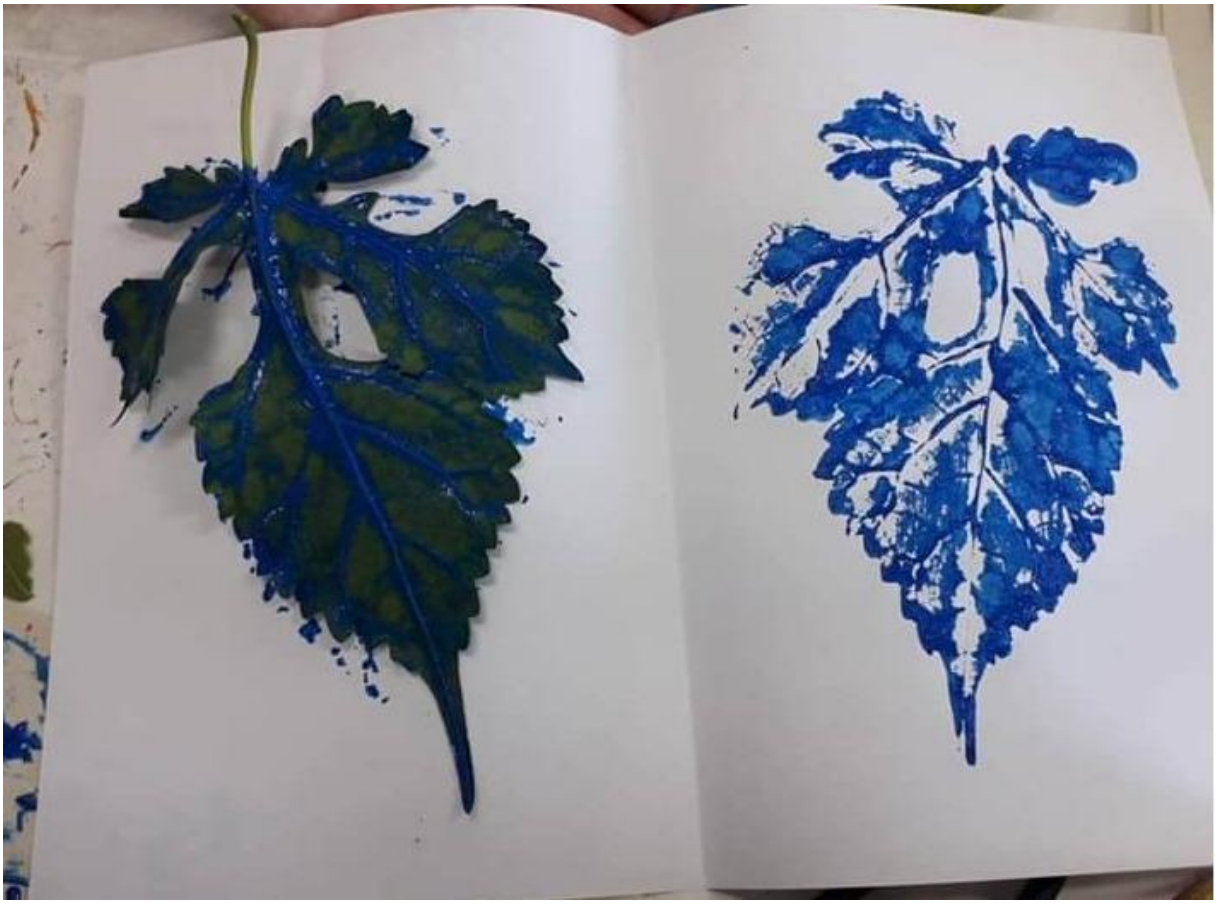

Figura 17. Atividade Arte Ambiental[28]. UNIVASF Campus Juazeiro. Juazeiro-BA. 03/10/2019.

COMO FAZER ROLO DE ESPONJA

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Esponja reta (úmida de preferência)

Lápis ou Caneta

Barbante ou Cola quente

REALIZAÇÃO DO OBJETO:

Enrole a esponja em um lápis ou caneta em formato de cilindro. Cole com cola quente ou amarre com barbante. Se possível, umedecer a esponja neste momento.

[28] Disponível em: MONOTIPIA COM TEMÁTICAS SOBRE A CAATINGA – Projeto Escola Verde

Passe na tinta de sua preferência após espalhar a mesma na superfície plana. E está pronto para uso.

GRAVURA COM ARGILA

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Argila

Objeto pontiagudo (lápis, goiva, caneta, lapiseira, palito de madeira...etc.)

Rolo de borracha

Mesa plana ou tábua

Papel de sua preferência (reciclado ou gramatura alta)

Tinta gráfica

Colher de madeira

REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

Com a argila já hidratada e maleável, modele a argila de forma plana e deixe secar até ficar úmida. Escolha o objeto que deseja gravar e o faça sobre a peça úmida. Retire os resquícios indesejados. Abra a tinta gráfica sobre a mesa ou tábua e passe o rolo sobre ela e depois sobre a matriz de argila. Posicione o papel escolhido centralizado e passe a colher de madeira sobre o papel, fazendo movimentos circulares por várias vezes. Retire o papel com cuidado.

COMO FAZER PAPEL RECICLADO

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Papéis

Tesoura

Cola

Peneira grande

Bacia

Forma

Sacola plástica

Liquidificador

REALIZAÇÃO DO OBJETO:

Primeiro corte os papéis em pequenos pedaços. Quanto menor estiverem melhor será o resultado. Sugestão 2 x 2 cm.

Coloque os papéis picados na bacia e encher de água até que estejam todos submersos, e deixe descansar por 24 horas. No outro dia após o descanso, coloque os papéis dentro do liquidificador em quantidade média, metade de papel metade de água, e bata até formar uma pasta homogênea. Adicione um pouco de cola branca na mistura e bata novamente (sugestão 40 ml). Despeje a mistura dentro da peneira e deixe o excesso de água escoar. Coloque a mistura na forma e aperte com as mãos ou com auxílio de algum objeto, faça movimentos que alisem a massa e deixe a mais fina. Tome cuidado para não deixar buracos, deixe a massa bem junta, assim o resultado final será mais resistente. Após a primeira camada pronta, coloque uma sacola plástica para separar e repita o processo fazendo quantas camadas desejar. Lembrando que casa camada equivale a uma folha de papel reciclado. Ao fim do processo, coloque algo que dê peso em cima dos papéis ainda úmidos. Pode ser livros pesados, pedaços de madeira, vasos ... Quanto mais peso tiver melhor será o resultado. Deixe secar por 24 h ou mais. Após a secagem, retire as sacolas plásticas cuidadosamente e seu papel estará pronto para uso.

O foco dessas possibilidades de se trabalhar com a gravura de modo alternativo é principalmente se apegar a ambientalização e a materialidade cotidiana do espaço escolar. Onde tanto os estudantes quanto os professores irão se sentir à vontade para utilizar diversos materiais e maneiras, já que é totalmente acessível e econômico.

Foram inseridas diferentes atividades para que sejam totalmente variantes no que tange ao fazer e seus processos, por exemplo o nível de dificuldade da monotipia com folhas comparada a gravura em matriz de argila, são totalmente opostas. Podendo assim, criar possibilidades de evolução técnica que o docente possa trabalhar a partir da experienciação em diferentes etapas do ensino[29]e das faixas etárias.

Pensando adiante, o manual é idealizado para ser utilizado tanto de forma impressa quanto de forma digital, em formato de ebook, portanto ele carrega propositalmente um espaço em branco no verso de todas as suas folhas. Tal superfície será preenchida com ilustrações autorais a respeito dos materiais atrelados à prática em si e seu resultado, de forma a contribuir e aumentar os sentidos visuais, mas focando em manter sua objetividade e clareza.

A principal razão deste material ser pensado e executado a longo prazo é de fato ter condições temporais suficientes para ser apresentado de forma satisfatória em diversas plataformas. Conjuntamente a outras questões complementares, como vídeos da realização prática das receitas contidas nele acessíveis através de *QRcode* e também em formato de podcast. Onde busco trazer nesse material audiovisual não somente o que carrega o manual, mas agregar uma introdução sobre como o mesmo foi pensado, a partir de que necessidades foi pensado, quais aspectos contribuíram para sua elaboração em diversos formatos e plataformas.

Para fins de compreensão e saudosismo, o manual será finalizado com um breve texto sobre a sua contemplação oriunda deste trabalho. Sendo ele “ Material

[29] Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

desenvolvido em 2022 para fins de avaliação da tese de conclusão de curso, do curso de licenciatura em Artes Visuais, elaborado pela estudante Sarah Ribeiro de Sousa, orientado pela Dra. Profa. Adriana Aparecida Mendonça e co-orientado pela Dra. Profa. Noeli Batista dos Santos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa foi possível a observação e desenvolvimento da transcriação de um ateliê de gravura a partir da necessidade do ensino remoto, durante a monitoria realizada em 2020. Abrangendo assim, uma possibilidade totalmente alcançável de, a partir dessa experiência, prorrogar tal feito para diversos ambientes que demandem a presença de um ateliê de gravura, como escolas de ensino formas e não-formais, centros livres de arte, entre outros.

No processo de construção dessa pesquisa, foi observado a partir de vivências obtidas, que a falta da experimentação da técnica da gravura cria de diversas formas, um hiato presente na vida dos estudantes. Onde percebe-se uma determinada justificativa pautada na ausência de espaço e aparato específico para tal realização.

Pensando em resolver essa problemática, esse trabalho apresenta uma proposta de material didático artístico em formato de manual técnico, no qual visa resolver essa necessidade espacial e material com alternativas de fácil alcance dentro do contexto escolar.

Sobretudo, pude concluir que a utilização de materiais acessíveis e alternativos consegue agregar ainda mais à experiência da gravura em contexto escolar. Pois a sua materialidade consegue garantir uma certa liberdade de experimentação maior do que os materiais convencionais, mais caros e de difícil acesso, e cria possibilidades maiores de usar a criatividade e saber lidar com os erros e frustrações no caminho, tornando uma experiência positiva a partir da frustração. Além de trazer consigo uma facilidade maior ao dia a dia dos estudantes e professores, visto que os objetos utilizados são parte da sua rotina e estão literalmente ao seu lado. Podendo de modo fácil e rápido elaborar um ateliê móvel e transcriado com a utilização do manual da gravura acessível para direcionamento e alguns utensílios de sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Beatriz Helena Ramos. *Haroldo de Campos e a tradução como prática isomórfica: as transcriações.* Revista Eutomia, literatura e linguística, Recife. 2013. Disponível em: Haroldo de Campos e a tradução como prática isomórfica: as transcriações | Amaral | Eutomia (ufpe.br) Acesso em: 3 de março de 2022.

ANDRAUS, G; MAGALHÃES, H. *Fanzines, artezines e biograficzines: publicações mutantes*.Série *Desenredos*, 14. Goiânia, 2021. 433p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Desenredos_14.pdf Acesso em: 25 de outubro de 2021.

ARTE 1. *Especial Arte 1 - Maria Bonomi*. Direção de Gisele Kato e Iano Coimbra. 2018. (27m18s) Disponível em: Especial Arte 1 - MARIA BONOMI - YouTube Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

CANTON, Katia. *GRAVURA AVENTURA*. DCL- Difusão Cultural do Livro. 1ªED; 2012. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

CAMPOS, Haroldo de. *Bere'shit – A cena da origem e outros estudos de poesia bíblica (transcriações de Haroldo de Campos)*. São Paulo: Perspectiva, 1993.Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

COQUEIRO, Naiara Porto da Silva; SOUSA, Erivan Coqueiro. *A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19.* Braz. J. of Develop. Curitiba, v. 7, n. 7, p. 66061-66075. 2021. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com. Acesso em 20 fevereiro de 2022.

COSTELLA, Antônio F. Introdução à Gravura e à sua História. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2006. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

DUARTE, Letícia. *Monotipia como Temática sobre a Caatinga.* Projeto Escola Verde;Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf,) campus Juazeiro-BA .2019. Disponível em: MONOTIPIA COM TEMÁTICAS SOBRE A CAATINGA – Projeto Escola Verde. Acesso em: 12 de Março de 2022.

GANDINI, Lella. HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (Org.). *O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia*. Porto Alegre: Penso, 2012. Acesso em: 25 de Fevereiro de 2022.

GARCIA, Débora Fagundes de Oliveira. *Experimentações em gravura para o ensino de arte: matriz em E.V.A*. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, 2019. Acesso em: 4 de março de 2022.

GONDO, Célia Mari; ÁVILA, Eduardo Araújo de; DEUS, Helder Amorim Silva Borges de; LACERDA, Luciene Alves de. *Poéticas que compartilham o mesmo lugar: O ateliê de gravura como ponto de encontro*. Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia - GO: FAV-UFG. 2014. Disponível em: 2014-eixo2_15_poeticas_que_compartilham_o_mesmo_lugar.pdf (ufg.br) Acesso em: 19 de janeiro de 2022.

GRAVURA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4626/gravura. Acesso em: 15 de março de 2022. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

GUIMARÃES, Alexandre. *Desmanches e Invenções de uma Pesquisa Artística e seus Avessos.* Catálogo anais 2018 CONFAEB. Brasília, 2018. Disponível em: 28encontro_____FONSECA_Fabio_402-417.pdf (anpap.org.br) Acesso em: 21 de outubro de 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia - 1º edição. 2001. Acesso em: 19 de janeiro de 2022.

KOHL, MaryAnn F. *Fazendo Arte com Qualquer Coisa.* Editora Penso, 2012. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

KOHL, MaryAnn F; RAMSEY, Renee; BOWMAN, Dana. *Iniciação à Arte para Crianças Pequenas.* Editora Penso; 1ªED; 2005. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.* 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2022.

MAGALHÃES, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos Fanzines*. Série Quiosque, 27, 5ª edição. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2022.

MARTINS, Itajahy. *Gravura: arte e técnica.* São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 2000. Acesso em: 10 de Março de 2022.

MELLO, Claudia Carnevskis de; SILVA, Thaís Souza da; SILVA, Ewerson Nascimento da. *Gravura na Escola: uma Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental.* Catálogo anais 2017 CONFAEB. Manaus, 2017 Disponível em: XXVII ConFAEB – 2017 – Campo Grande – MS - FAEB Acesso em: 20 de outubro de 2021

MENDONÇA, Adriana Aparecida; SANTOS, Augusto César Moreira; SOARES, Maria Angelica; FREITAS,Caroline Pereira Sant'ana; SOUSA, Sarah Ribeiro. *E-zine Cadernos de Gravador.* Projeto de pesquisa: Fanzinoteca virtual. Coleção Manual-zine: narrativas de processos em gravura. Goiânia, 2021. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

MENDONÇA, Adriana Aparecida; SANTOS, Augusto César Moreira; SOARES, Maria Angelica; FREITAS,Caroline Pereira Sant'ana; SOUSA, Sarah Ribeiro. *E-zine Côncavos.* Projeto de pesquisa: Fanzinoteca virtual. Coleção Manual-zine: narrativas de processos em gravura. Goiânia, 2021. Acesso em: 29 de janeiro de 2022.

NÓBREGA, Thelma Médici. *Transcriação e hiperfidelidade.* Cadernos de Literatura em Tradução, n. 7, p. 249-255. 2006. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

SAMPAIO, R.; MANCINI, M. *Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.* Revista Brasileira de Fisioterapia, v. 11, n. 1, p .83–89, fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 out.2021.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *Fundamentos para o ensino das artes plásticas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

SILVA, Silvio Profirio da*. Literatura de Cordel, Cultura e Ensino: a Diversidade Cultural no Âmbito Educacional*. Revista Virtual Partes. (imagem1) Disponível em: https://www.partes.com.br/2012/10/13/literatura-de-cordel-cultura-e-ensino-a-diversidade-cultural-no-ambito-educacional/ Acesso em: 26 de Fevereiro de 2022.

SNO, M. *Universo Paralelo do zine.* Câmara Brasileira do livro, São Paulo. 2015. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

STRATICO, Fernando Amaral; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. *Transcriação e formação em arte a partir da obra fotográfica de José Juliani*. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v.10, n.3, p. 51–72, set./dez. 2017. Acesso em: 25 de dezembro de 2021.

TATY, Ana; MACHADO, Maria Silvia M. *300 Propostas de Artes Visuais.* São Paulo: Edições Loyola, 2003. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

UCHOA, Marcelo. *Pintura sobre Pedra e Gravação em Bolacha de Argila*. Blog do Uchoa. 2010. Disponível em: Blog do UCHOA (wwwblogdouchoa.blogspot.com) Acesso em: 12 de Março de 2022.

VEZZANI, Iriana. *Projeto Célula: Gravura na Escola.* Extensão em Foco, [S.l.], n. 2, dez. 2008. ISSN 2358-7180. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/24722>. Acesso em: 06 mar. 2022. doi:http://dx.doi.org/10.5380/ef.v0i2.24722.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015. Acesso em:25 de outubro de 2021.